



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**EMPREENDEDORISMO RURAL: UM ESTUDO SOBRE A
INSERÇÃO DO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA, EGRESSO DO
IFRS- CAMPUS SERTÃO**

Gladomir Arnold

Brasília, 2011

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**EMPREENDEDORISMO RURAL: UM ESTUDO SOBRE A
INSERÇÃO DO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA, EGRESSO DO
IFRS- CAMPUS SERTÃO**

Gladomir Arnold

Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, área de concentração – Políticas Públicas e Gestão da Educação Profissional e Tecnológica, do programa de Mestrado Acadêmico em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação do prof. Dr. Luis Afonso Bermúdez

Brasília, 2011

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Acervo 992168.

Arnold, Gladmir.
A754e Empreendedorismo rural : um estudo sobre a inserção do técnico em agropecuária, egresso do IFRS- Campus Sertão / Gladmir Arnold. -- 2011.
109 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011.
Inclui bibliografia.
Orientação: Luis Afonso Bermúdez.

1. Empreendedorismo - Extensão rural. 2. Ensino profissional. 3. Agropecuária. I. Bermudez, Luis Afonso. II. Título.

CDU 377.36

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**EMPREENDEDORISMO RURAL: UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO DO
TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA, EGRESSO DO IFRS- CAMPUS SERTÃO**

Gladomir Arnold

BANCA:

Prof. Dr. Luis Afonso Bermúdez (Orientador)

Profª Drª. Fernanda R. Nascimento (UnB/Planaltina)

Profª Drª . Olgamir Francisco de Carvalho (UnB)

(Membro suplente Prof. Dr. Bernardo Kipnis – UnB)

BRASÍLIA – DF

AGOSTO - 2011

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Romilda e Armindo (em memória) Arnold, pelo apoio e incentivo em todas as minhas decisões. A minha esposa Roseli, pela ajuda e compreensão na caminhada.

Aos meus filhos Jean e Marta, pelo diálogo constante e amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar presente em todos os momentos de minha vida;

A minha família, pelo apoio e incentivo durante o período de mestrado;

Aos meus colegas de trabalho que colaboraram, e me incentivaram em momentos difíceis;

A Direção do IFRS- Sertão pelo apoio prestado;

Aos amigos e amigas que sempre se fizeram presentes;

Aos Professores e Servidores Técnico-administrativos da UnB, pelo carinho;

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, pelas contribuições para o meu aprendizado;

Ao professor Dr. Luis Afonso Bermúdez, pelo privilégio que me concedeu ao aceitar orientar meu trabalho;

Aos Alunos egressos do Curso Técnico em Agropecuária do IFRS – Sertão, que colaboram com este trabalho.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi apresentar um estudo sobre a inserção do técnico em agropecuária – egresso do IFRS- Campus Sertão no empreendedorismo rural. Foi utilizado o método de estudo de caso, e os dados da pesquisa foram levantados a partir da aplicação de questionário, entrevista e visita. A pesquisa bibliográfica foi fundamental para dar um embasamento teórico e analisar o conjunto de mudanças que ocorre no setor agropecuário, onde o produtor precisa desenvolver competências empresariais e características empreendedoras. A capacidade de empreender está relacionada às características do indivíduo, aos seus valores, ao modo de pensar e agir. Pode ser considerado empreendedor rural aquele egresso que criou uma empresa agropecuária ou atua nesta área buscando alternativas inovadoras. Observa-se também a importância do meio rural para o Brasil, que contribui para o desenvolvimento econômico e social do país, e que este desenvolvimento passa pela capacitação das pessoas. Neste sentido citamos as políticas públicas que podem representar o desafio a um novo caminho na produção e democratização do conhecimento. Promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, capacitando jovens e adultos com conhecimento, habilidades gerais e específicas para o exercício de atividades produtivas. Citamos então o plano de expansão da oferta de educação profissional da rede federal, mediante a criação de novas unidades de ensino e a ampliação das existentes. Observa-se, com esta pesquisa, que os egressos estão atuando como empreendedores rurais, inovando e buscando alternativas tecnológicas, gerenciais e organizacionais, com isso buscando contribuir para a permanência do homem no campo e também incentivando um desenvolvimento da agropecuária regional. Foi salientado sobre as dificuldades enfrentadas e a importância em se dar mais ênfase para o assunto no IFRS- Campus Sertão, sendo sugerido que se ofereça a disciplina e cursos de empreendedorismo rural, para despertar o interesse e melhor preparar o aluno.

Palavras-chave: Empreendedorismo Rural - Educação Profissional – Agropecuária.

ABSTRACT

The aim of this research is to present a study about the inclusion of technical agriculture - egress of IFRS-Campus Sertão - in rural entrepreneurship. We used the method of case study and survey data were gathered from a questionnaire, interview and visit. The literature was essential to give a theoretical basis and review all the changes occurring in the agricultural sector where farmers need to develop enterprise skills and entrepreneurial characteristics. The ability to undertake is related to the characteristics of the individual, its values and way of thinking and acting. Can be considered , entrepreneur rural that egress who created an agricultural company or working in this area seeking innovative alternatives. It was also noted the importance of rural areas in Brazil, which contributes to the economic and social development of the country, and this development is the empowerment of people. In this regard we must mention the public politics that may represent a challenge to a new path in the production and diffusion of knowledge. Promote the transition between school and work, empowering youth and adults with knowledge and general and specific skills performance of productive activities. We quote then the plan of expanding the supply of federal vocational education through the creation of new teaching units and expansion of existing ones. It is observed that with this research, the graduates are serving as rural entrepreneurs, innovating and seeking alternative technological, managerial and organizational issues, thereby contributing to man's stay on the field and also promoting sustainable development. It was noted the difficulties faced and the importance of giving more emphasis to the subject in the IFRS-Campus Sertão, and suggested that the school offers the subject and courses in entrepreneurship rural to development, to arouse interest and better prepare the students.

Keywords: Rural Entrepreneurship - Vocational Education - Agriculture.

LISTA DE ABREVIATURAS

IFRS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia- Rio Grande do Sul.

GEM – Global Entrepreneurship Monitor.

IBQP – Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

SOFTEX - Sociedade Brasileira Para Promoção da Exportação de Software

TEA – Taxa de Empreendedorismo em Estágio Inicial.

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.

MPE – Micro e Pequena Empresa

MEC – Ministério da Educação e Cultura.

SM – Salário Mínimo.

LDB – Lei de Diretrizes Básicas.

PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação.

EPT – Educação Profissional e Tecnológica.

PROEJA – Programa de Educação de Jovens e Adultos

PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional.

EAFS – Escola Agrotécnica Federal de Sertão.

LISTA DE TERMOS TÉCNICOS

Agropecuária - Termo que envolve as atividades agrícolas e pecuárias.

Espaço Agrário - Área ocupada com a produção agropecuária

Empresa Rural - Entidade produtiva estabelecida no meio rural.

Empreendedorismo Rural – Empresa com atividade relacionada ao meio rural.

Empresa comercial – Aquela que pratica a compra e venda de produtos e serviços, através do ato de comércio e tendo por objetivo o lucro.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Número de Docentes e Técnicos Administrativos e Titulação- IFRS – Campus Sertão	57
TABELA 2: Habilitação, Qualificação e Especificações.....	58

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Unidade Escolar	57
---------------------------------	----

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 Questionário	94
Anexo 2 Localização do IFRS- Campus Sertão	96
Anexo 3 Fluxograma do Curso Técnico em Agropecuária	101

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 Problema.....	18
1.1 Problema.....	18
1.2 Justificativa.....	19
1.3 Hipótese.....	20
1.4 Objetivos	20
1.4.1 Geral	20
1.4.2 Específicos	20
2 EMPREENDEDORISMO.....	21
2.1 Aspéctos Conceituais	21
2.2 O Empreendedorismo Rural no Brasil	28
2.3 Administração do Empreendimento Rural.....	31
2.4 Empreendedorismo e Desenvolvimento Regional.....	35
2.5 A Educação, o Trabalho, as Políticas Educacionais e Suas Implicações na Realidade Escola	41
3 METODOLOGIA	53
3.1 Caracterização do IFRS- Campus Sertão.....	55
3.1.1 O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Rio Grande do Sul – Campus Sertão	55
3.1.2 Servidores do IFRS- Campus Sertão e Formação.....	57
3.1.3 O Curso Técnico em Agropecuária.....	57
3.1.4 Justificativa e Objetivos do Curso	58
3.1.5 Objetivos	59
3.1.5.1 Objetivos Gerais.....	59
3.1.5.2 Objetivos Específicos.....	60

3.1.6 Perfil Profissional de Conclusão dos Egressos do Curso	61
3.1.6.1 Perfil Profissional da Habilitação	61
3.1.7 Aspectos Específicos da Habilitação	61
3.2 Definição da População.....	62
3.3 Plano Amostral.....	64
3.4 Levantamento de Dados	64
4 A INSERÇÃO DO EGRSSO DO IFRS – CAMPUS SERTÃO NO EMPREENDEDORISMO RURAL	67
4.1 A Visão dos Egressos do IFRS- Campus Sertão Que Estão Atuando Como Empreendedores Rurais.....	70
4.2 Considerações Finais.....	84
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	89
6 ANEXOS	94

1 INTRODUÇÃO

A agropecuária, a partir do início deste milênio, inseriu-se num novo e diferente cenário, passando por um processo de mudanças políticas para o setor. Dessa forma precisa reagir com as variáveis externas, assim denominadas porque são geradas no macro ambiente, mas com grande interferência no processo de decisões internas.

Ao mesmo tempo necessita estabelecer processos administrativos que possibilitem a gestão do seu negócio de forma racional, eficiente e eficaz, como condição de alcançar objetivos propostos sejam eles de lucratividade, crescimento, sobrevivência, sustentabilidade.

As rápidas transformações do mercado, as inovações tecnológicas, o volume de informações produzidas anualmente, tornam indispensáveis que os empreendedores baseiem suas ações em informações concretas, ou seja, façam um gerenciamento que permita tomar decisões com base em fatos e dados, que são importantes no histórico da empresa.

As mudanças decorrentes do processo de globalização, no Brasil podem gerar a vulnerabilidade da economia, a fragmentação do tecido social, a exclusão e o desemprego. Nesta direção, o fortalecimento da agropecuária pode colaborar para a inclusão social, o desenvolvimento econômico e a elevação dos índices de capital social.

Atualmente, tem-se observado uma tendência a adoção de sistemas econômicos ancorados em negócios altamente produtivos. O empreendedorismo é um dos movimentos mais importantes da história recente, e se consolida nas ações empreendedoras que viabilizam que os trabalhadores rurais introduzam produtos e serviços inovadores, ampliando assim, as fronteiras tecnológicas e criando novas formas de trabalho abertos a novos mercados locais e globais.

O empreendedorismo passa a ser grande fonte para se fomentar agentes nas diversas atividades que o espaço agrário proporciona. Que se soma às questões que envolvem, desde a sobrevivência das pessoas que vivem nesse espaço até a produtividade, a rentabilidade e a competitividade que possam ser geradas pelas empresas rurais.

Alguns autores definem empreendedorismo e segundo Chér (2008), um empreendedor é alguém que se apercebe de uma oportunidade e cria uma organização para perseguir; aqueles que integram recursos em combinações únicas que geram lucro; é descobrir e desenvolver oportunidades de criar valor através da inovação.

O empreendedorismo rural pode ser considerado como uma das alternativas para a agropecuária. A situação que se busca é contar com empresas “comerciais” no campo, ou seja, aquela que pratica a compra e venda de produtos e serviços, através do ato de comércio e tendo por objetivo o lucro. Para tanto, o produtor rural precisa desenvolver as necessárias competências empresariais e desenvolver características empreendedoras.

A capacidade de empreender está relacionada às características do indivíduo, aos seus valores, modo de pensar e agir. Dessa maneira, os empreendedores podem contribuir para o desenvolvimento econômico. Promovendo o rompimento da economia em fluxo circular para uma economia dinâmica, competitiva e geradora de novas oportunidades. No entanto, em relação ao desenvolvimento rural, é imprescindível que se invista na pesquisa e extensão agropecuária para aumentar a eficiência dos sistemas sustentáveis, bem como torná-los acessíveis aos produtores rurais.

O presente trabalho considera como empreendedor rural aquele egresso que criou uma empresa no setor agropecuário, está dando seqüência a um empreendimento familiar, enfim esta atuando em algum ramo do agronegócio buscando alternativas inovadoras, fazendo com que os negócios sobrevivam e prosperem em ambiente econômico e de mudanças.

O fortalecimento da agropecuária pode ajudar a solucionar vários problemas sociais brasileiros, como a fome, o êxodo rural, a violência, etc. Este fortalecimento pode ser obtido através de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento regional, oportunizando inovações tecnológicas e tornando o agronegócio mais eficiente e competitivo.

A prosperidade de uma nação ou de uma região depende também da educação, e aí citamos o papel fundamental da formação profissional oferecida pelos Institutos Federais.

Assim, o problema central deste estudo consiste em verificar o envolvimento dos técnicos em agropecuária, bem como o alcance do empreendedorismo para a agropecuária e para o desenvolvimento rural regional.

Temos consciência que a prosperidade de uma nação ou de uma região depende da educação e de um conjunto de políticas públicas. Como as famílias rurais estão preparando seus filhos e as escolas preparam os jovens para o mundo do trabalho no campo.

Na maioria dos países em desenvolvimento e desenvolvidos nos últimos anos tem ocorrido um grande interesse em relação à educação e o mercado de trabalho. Nesse sentido, ocorreram reformas importantes no sistema educacional e capacitação para o trabalho.

O ambiente das empresas tem se modificado em relação aos parâmetros que exigem uma harmônica conjugação entre si: inovação tecnológica, estrutura e pessoas e a própria matriz educacional.

A educação profissional deve viabilizar a aquisição de instrumentos que habilitem os trabalhadores a dominar tecnologias, desenvolvendo a criatividade, liderança, a persistência, a capacidade de negociação e a empatia necessária para atuarem na sociedade como atores e criadores.

O IFRS- Campus Sertão está localizado na região Norte do RS, e recebe alunos de várias regiões do estado e do Brasil. Estes alunos são, na grande maioria filhos de produtores rurais vindos de grandes, médias e pequenas propriedades e exercem as mais variadas atividades agropecuárias. A característica da escola é agrícola e oferece curso de formação técnica em agropecuária desde seu início em 1969.

1.1 Problema

Como o técnico em agropecuária, egresso do IFRS- Campus Sertão, está atuando no empreendedorismo rural?

1.2 Justificativa

A geração e disseminação da informação têm tudo a ver com o desenvolvimento sustentável. Os proprietários rurais precisam de conhecimento específico para entrar no mercado, crescer e se destacar e, muitas vezes, eles não sabem bem onde encontrá-lo. Com a globalização, a educação profissional é considerada um dos principais instrumentos para o desenvolvimento de um país ou região, e para as recentes políticas brasileiras, as escolas técnicas são pilares estratégicos para alcançar este objetivo.

Esse estudo buscou analisar a atuação dos egressos examinando em que consiste esse caminho trilhado. Tal proposição implica não apenas uma determinada forma de rearticular as relações entre formação geral e formação específica, mas também uma série de mudanças, tendo em vista as novas demandas por qualificação profissional, cujos efeitos sobre a educação brasileira são objeto de preocupação.

Em nossos dias o trabalhador precisa ser mais flexível, versátil e capacitado para acompanhar a evolução tecnológica. Estudos indicam os requisitos fundamentais: bom senso, habilidade em transferir conhecimento de uma área para outra, facilidade para se comunicar e entender o que lhe está sendo comunicado, capacidade de trabalhar em grupo.

Alguns estudos apontam a contribuição do empreendedorismo para o desenvolvimento regional. Em virtude disso, instituições de ensino e órgãos governamentais, em especial, promovem ações para o desenvolvimento do perfil empreendedor dos indivíduos.

As escolas precisam estar em sintonia com a população atendida, considerando os arranjos produtivos locais, atendendo também as demandas regionais, justificando os investimentos realizados.

O agronegócio brasileiro, assim como outros setores da economia tem passado por transformações, em geral, relacionadas a tecnologias. Essa transformação tem levado produtores da agropecuária a procurarem novas formas de produção, resultando na grande dinamização no setor. No entanto, as crescentes pesquisas relacionadas às capacidades empreendedoras no meio rural necessárias à implantação dessas técnicas, ainda mostram grandes oportunidades de expansão do assunto.

É preciso incentivar a permanência do homem no campo; promover várias discussões sobre alternativas tecnológicas, gerenciais e organizacionais, sob a ótica da gestão empresarial; estimular a criatividade e a capacidade para a resolução de problemas e o encontro de alternativas econômicas viáveis para o homem do campo; construir uma visão de futuro, detalhada em um plano de desenvolvimento de negócios; fornecer conhecimentos para o produtor rural planejar e gerir seu próprio negócio, dando um novo enfoque a sua vida pessoal, familiar e profissional.

1.3 Hipótese

O técnico em agropecuária, egresso do IFRS- Campus Sertão está atuando no empreendedorismo rural, buscando alternativas para o desenvolvimento agropecuário, motivados com os excelentes resultados obtidos.

1.4 Objetivos

1.4.1 Geral

Compreender a participação do técnico em agropecuária, egresso do IFRS- Campus Sertão na área do empreendedorismo rural.

1.4.2 Específicos

- a) Identificar o nível de envolvimento de egressos do curso agropecuário do IFRS- Campus Sertão com o empreendedorismo rural;

- b) Identificar a motivação do egresso para atuar no ramo do empreendedorismo rural.
- c) Recomendar ao IFRS– Campus Sertão, adequações na forma de atuação, no sentido de intensificar e aperfeiçoar o ensino do empreendedorismo.

2 EMPREENDEDORISMO

2.1 Aspectos Conceituais

O estudo do empreendedorismo tem atraído maior interesse nos últimos anos, principalmente em virtude da sua forte relação com o desenvolvimento regional. Com intuito de promover o comportamento empreendedor, unem-se governos, instituições de ensino e afins; investindo esforços e grandes quantidades de recursos financeiros.

A primeira dificuldade que se depara a quem pretende estudar empreendedorismo consiste na definição do objetivo de estudo: o que é e como devemos definir o empreendedorismo.

Embora seja um tema amplamente discutido nos dias atuais, seu conteúdo, varia muito de um lugar para outro, de país para país, de autor para autor. O empreendedorismo recebeu fortes contribuições da psicologia e da sociologia, o que provocou diferentes definições para o termo e, como consequência, variações em seu conteúdo, embora tenha como origem pesquisas em economia.

O psicólogo americano David Mac Clelland, começou os estudos sobre empreendedorismo, através de uma pesquisa realizada na década de 60 em 15 países, que reuniu características chamadas empreendedoras, sendo seguido este estudo por Louis Filion (1991) que desenvolveu o conceito de Empreendedor como sendo aquele que cria, desenvolve e realiza a sua própria visão de futuro, que torna seus sonhos realidade.

“O empreendedorismo é um revolução silenciosa, que será para o século 21 mais do que a revolução industrial foi para o século 20” (Timmons, 1990).

Segundo Cunha (2004), a palavra empreendedor, imprehendere, tem origem no latim medieval, antes do século XV e significa tentar “empresa laboriosa e difícil”, ou ainda, “pôr em execução”.

Ser empreendedor significa, acima de tudo, ter capacidade de realizar coisas novas, pôr em prática ideias novas, e empiricamente empreendedorismo costuma ser definido como processo pelo qual indivíduos iniciam e desenvolvem novos negócios.

Segundo Dolabela (1999) “empreendedorismo envolve qualquer forma de inovação que tenha uma relação com a prosperidade da empresa”. Um empreendedor pode ser uma pessoa que inicie sua empresa, como alguém comprometido com a inovação de empresas já constituídas, fazendo com que os negócios sobrevivam e prosperem em ambiente econômico e de mudanças (culturais, sociais, geográficas)

Para Drucker (1974) empreendedorismo é: prática; visão de mercado; evolução, e diz ainda:

“O trabalho específico do empreendedorismo numa empresa de negócios é fazer os negócios de hoje serem capazes de fazer o futuro, transformando-se em um negócio diferente” [...] Empreendedorismo não é nem ciência, nem arte. “È uma prática”.

Analisando a visão de Buamol (1990) para quem o mais importante não é a quantidade de empreendedores de uma economia. É a sua distribuição entre diferentes atividades: inovação ou busca de rendas ou até crime organizado. As recompensas que a sociedade oferece para cada uma destas atividades, leva a crer que os empreendedores se distribuam entre elas, afetando assim o crescimento da produtividade.

Empreendedorismo é um fenômeno cultural e segundo Dolabela (1999),

[...] é fruto dos hábitos, práticas e valores das pessoas. Existem famílias mais empreendedoras do que outras, assim como cidades, regiões, países. Na verdade aprende-se a ser empreendedor pela convivência com outros empreendedores [...] o empreendedor aprende em um clima de emoção e é capaz de assimilar experiência de terceiros.

Existem duas formas de encarar a questão do empreendedorismo. A primeira é negativa e está associada aos que buscam liberdade, não querem mais ter patrão, porém

mais tarde irão perceber que as responsabilidades serão maiores, com jornada de trabalho, férias, etc.

A segunda é que o motivo para empreender está ligado à necessidade de realização, o desejo de marcar sua biografia com orgulho, com suas visões de futuro. Muitos candidatos a empreendedor, segundo Chér (2008), têm o propósito de “mudar de ares”, respirar outros ambientes de negócios, talvez motivados por uma experiência malsucedida naquele setor ou pela lembrança amarga da demissão. Por alguma razão, pretendem deixar para trás uma experiência vivida em certo ramo para testarem negócios realmente novos em suas vidas.

Uma grande maioria das pessoas dispostas a empreender não tem uma ideia concreta do ramo, então pesquisam quais os melhores negócios e as tendências de mercado. O conjunto de pessoas e informações, os clientes, fornecedores, prestadores de serviços e demais profissionais envolvidos direta e indiretamente no negócio, as competências funcionais desenvolvidas e o conhecimento sobre o ramo de negócios em que trabalhou compõe sua “zona de conforto”.

Segundo Chér (2008 p. 50), estimular a busca de oportunidades a partir do conjunto de suas experiências anteriores significa reduzir seu risco. Para tanto, são úteis as investigações a partir das cadeias produtivas de seu maior conhecimento. Buscar oportunidades fora de sua zona de conforto, por outro lado enseja maior risco. Essas oportunidades são consideradas como o conjunto de necessidades de mercado atendidas de forma insuficiente e/ou imperfeita.

É preciso buscar caminhos para investigar oportunidades e neste sentido Chér (2008 p.59) cita 10 fontes de oportunidades que podem inspirá-los na escolha do ramo a empreender:

1. Problemas enfrentados por pessoas físicas e jurídicas;
2. Escassez de recursos, serviços e bens;
3. Atenta observação do cotidiano;
4. Atenção as seus hobbies;
5. Pesquisas de opinião e testes de mercado;
6. Revistas de negócios;
7. Viagens ao exterior;
8. Produtos introduzidos por trading companies;

9. Novas tecnologias;
10. Atenção às tendências.

Os problemas sempre existiram e sempre existirão, porém há sempre uma ou mais soluções por trás desses problemas, as quais ensejam potenciais oportunidades. O empreendedor descobre os problemas que as pessoas e as empresas vivenciam e passa a trabalhar em busca de soluções.

È possível verificar várias situações em que a escassez é, ao mesmo tempo, vilã, por seu intrínseco maléfico, e mocinha, pela oportunidade que enseja ao empreendedor. É fácil perceber escassez de todos os tipos ao nosso redor, tais como energia, água, serviços, etc.

Segundo Arnold (2009),

O planejamento de produto envolve decisões sobre os produtos e serviços que uma empresa vai comercializar. Um produto ou serviço é uma combinação de características tangíveis e intangíveis que uma empresa espera que os clientes irão aceitar e pelas quais estarão dispostos a pagar determinado preço. O planejamento de produto deve decidir o segmento de mercado a ser atendido, o nível de desempenho esperado e o preço a ser cobrado, devendo também fazer uma estimativa do volume esperado de vendas.

O cotidiano das pessoas esconde oportunidades de melhoria. O empreendedor pode buscar alternativas para que nossos afazeres diários sejam mais ágeis, eficientes, prazerosos, práticos e produtivos.

Os nossos hobbies estão associados as nossas habilidades e melhores experiências, contribuindo para se empreender com sucesso.

A respeito de ramos de negócio e pesquisa de opinião, algumas entidades disponibilizam informações gratuitas sobre análise de comportamento do consumidor, questões éticas, étnicas, culturais e religiosas. Estatísticas e indicadores políticos, sociais e econômicos também estão disponíveis.

As revistas de negócios são fontes de informações atualmente bem diversificadas, e a grande maioria disponibiliza na internet ferramentas para pesquisar por assunto e são fontes interessantes para buscar oportunidades desde que usadas de forma inteligente.

Conhecer lugares e povos diferentes inspiram nossa criatividade, e as viagens ao exterior podem ampliar o repertório de informações e conhecimentos.

Segundo Chér (2008 p. 71), as mais atuantes trading companies têm bom trânsito com operadores logísticos, bancos, governo e facilidades para estabelecer outros contatos, por essa razão podem facilitar e viabilizar seu ingresso em dado mercado.

Produtos e serviços inéditos podem indicar que inovação e tecnologia andam de braços dados, comprovando que as novas tecnologias podem ensejar oportunidades de negócios.

É importante olhar e interpretar que as tendências ensejam oportunidades de novos negócios no caso de empreendedores capazes de se marcar essas tendências com seus produtos e serviços inovadores.

O consórcio internacional GEM (Global Entrepreneurship Monitor) fundado pela britânica London Business School e pelo americano Babson College, mede o nível de atividade empreendedora no mundo desde 1999. No Brasil, o Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP) é o responsável, desde o ano 2000, pelas informações coletadas e publicadas sobre o tema. O SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) também integra o grupo GEM desde 2000 onde participa como parceiro na realização, disseminação dos resultados e articulação com organizações nacionais, valorizando o perfil empreendedor do cidadão brasileiro, bem como outras instituições nacionais.

Segundo Machado (2010) a importância da atividade empreendedora que inova e traz nova riqueza à economia, gerando emprego e atendendo a necessidades sociais, está amplamente evidenciada. Os estudos do GEM confirmam essa constatação, revelando os que empreendem, seja pelo motivo que for, são aqueles que buscam a inovação e almejam o crescimento de seu negócio, os que realmente contribuem para o crescimento e evolução social.

O Brasil na corrida pela liderança dos mercados globais, apesar de se destacar como possuidor de uma população empreendedora, precisa buscar ainda alguns avanços

considerados críticos para que a verdadeira força do empreendedorismo possa cumprir o seu papel de transformação e inovação.

O desenvolvimento do empreendedorismo no Brasil começa a emergir a partir da década de 90, com a criação de entidades voltadas para o setor como o SEBRAE e SOFTEX.

No Brasil, segundo Machado (2010), a consolidação da estabilidade econômica e a manutenção do regime democrático têm criado oportunidades para novas conquistas da atividade empreendedora. A taxa de empreendedorismo em estágio inicial (TEA) nacional foi a mais alta da série histórica da pesquisa GEM desde 2001. Em termos absolutos, o Brasil possui cerca de 33 milhões de pessoas desempenhando alguma atividade empreendedora.

No Brasil, a pesquisa GEM apresentou média de 13% de sua população economicamente ativa empreendendo durante os primeiros dez anos, na edição de 2009 registra a taxa de 15%, mostrando um crescimento da atividade. A pesquisa também mostra que em 2009 o percentual maior de mulheres empreendedoras (53%) do que homens (47%), sendo a primeira vez que a proporção do empreendedorismo feminino por oportunidade supera o masculino na mesma condição.

Para o desenvolvimento do empreendedorismo no Brasil há uma preocupação com a criação de empresas duradouras e a diminuição da taxa de mortalidade das empresas existentes. Isto se deve principalmente à necessidade das empresas brasileiras em aumentar a competitividade, manter-se no mercado com redução de custos, na tentativa de estabilização da economia brasileira diante do processo de globalização.

Conforme pesquisas do GEM no Brasil houve um aumento da capacitação dos trabalhadores e um ambiente mais propício a novos negócios diminuindo o índice de mortalidade das empresas, principalmente a partir dos benefícios de Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, que já se encontra em seu terceiro ano de existência.

Segundo (Machado 2010) esta edição do GEM analisa, entre vários fatores, os impactos do auge da crise mundial, em 2009. Uma das conseqüências disso é a queda no índice de empreendedores por oportunidade (os que têm vocação ou enxergam nichos de mercado) Na pesquisa anterior, para cada dois empreendedores por oportunidade havia um por necessidade. Hoje, a razão é de 1,6 para 1. Mas ao mesmo tempo é curioso observar

que entre os empreendimentos nascentes houve aumento entre os que são motivados por oportunidade.

Conforme o (IBQP, 2004), descreve algumas condições que afetam o empreendedorismo:

1 – Apoio Financeiro. Avalia a disponibilidade de recursos financeiros disponíveis para a criação ou sobrevivência dos negócios. Também examina os tipos e a qualidade do apoio e o entendimento da comunidade financeira sobre empreendedorismo.

2 – Políticas Governamentais. Avalia até que ponto as políticas governamentais regionais, e nacionais, refletidas ou aplicadas em termos de tributos e regulamentações, são neutras ou encorajam ou não o surgimento de novos empreendimentos.

3 – Programas Governamentais. Avalia a presença de programas diretos para auxiliar novos negócios, em todos os níveis de governo – nacional, regional e municipal.

4 – Educação e Capacitação. Avalia até que ponto a capacitação para a criação ou gerenciamento de novos negócios é incorporada aos sistemas educacionais formais e de capacitação em todos os níveis (ensino fundamental, médio, superior e profissionalizante e cursos de pós-graduação, além de cursos especificamente voltados a empreendedorismo/negócios)

5 – Pesquisa e Desenvolvimento. Avalia em que medida Pesquisa e Desenvolvimento levam novas oportunidades empresariais e se estas estão disponíveis ou não para novas empresas.

6 – Infra-estrutura Comercial e Profissional. Avalia a disponibilidade, o custo e a qualidade dos serviços de contabilidade, comerciais ou outros serviços de ordem legal e tributária, bem como de instituições que permitam ou promovam a criação de novos negócios ou a sobrevivência de negócios em crescimento.

7 – Acesso ao Mercado e Barreiras à Entrada. Avalia até que ponto os acordos comerciais são inflexíveis e imutáveis, impedindo que novas empresas possam competir e substituir fornecedores, prestadores de serviços e consultores existentes.

8 – Acesso à infra-estrutura Física. Avalia a acessibilidade e a qualidade dos recursos físicos, incluindo: telefonia, correio, internet, energia, água, esgoto e outros serviços de utilidade pública; transporte terrestre, aéreo e marítimo; áreas e espaços; custo para aquisição ou aluguel de terrenos, propriedades ou espaços para escritório.

9 – Normas Culturais e Sociais. Avalia até que ponto normas culturais e sociais encoraja ou não ações individuais que possam levar a novas maneiras de conduzir negócios ou atividades econômicas que, por sua vez, levam a uma maior dispersão em ganhos e riquezas.

Com o aumento do desemprego no Brasil tem aumentado o número de pessoas a buscarem novas formas de sobrevivência, muitas vezes iniciando novos negócios, sem possuir experiência no ramo e usando economias pessoais. A criação de novos negócios tem se intensificado com a popularização da internet. Existem ainda os que herdaram negócios familiares e dão continuidade a empresas já existentes.

Este conjunto de fatores incentivou a discussão a respeito do empreendedorismo no Brasil, com ênfase em:

- Pesquisas acadêmicas sobre o assunto;
- Criação de programas específicos para o público empreendedor.

2.2 O Empreendedorismo Rural no Brasil

O Brasil rural tem sofrido grandes transformações tecnológicas, sociais, econômicas e políticas nos últimos anos, o que tem tornado o agronegócio brasileiro um dos setores mais dinâmicos da economia brasileira. Pouco se tem discutido sobre a questão empreendedora no contexto rural, embora o setor seja um dos principais responsáveis pela sustentação da economia nacional.

O agronegócio brasileiro produz um superávit anual expressivo na balança de exportações. Significa que, se essa fosse a única atividade econômica do País, o Brasil estaria no comércio exterior entre os dez maiores do mundo. Esse setor da economia

nacional é responsável, há décadas, pelo significativo crescimento que vem, projetando o Brasil como um dos maiores exportadores de grãos do mundo.

Hoje vários gestores brasileiros acreditam que a solução para muitos problemas sociais brasileiros, (desemprego, inclusão social, habitação, melhorias na qualidade de vida), pode estar no meio rural.

Para que isso se concretize e se tenha bons resultados é necessário que o produtor rural seja um bom gerente, saiba aplicar bem os recursos, entenda sobre legislação, meio ambiente e tecnologia, pois estes entre outros fatores fazem parte de uma boa gestão.

Hoje o Brasil rural precisa ser visto de maneira diferente, não apenas como aquele espaço voltado à atividade agropecuária, mas como uma nova dimensão socioeconômica, cuja principal inovação ocorre pela oferta de bens considerados como não tangíveis de novos produtos. Essas mudanças trazem consigo um conjunto de exigências sobre o agente no processo de decisão-ação, quer seja na condução do negócio agropecuário, quer na exploração de novas oportunidades que surgem a partir de uma nova dinâmica nas relações cidade-campo e campo-cidade.

Segundo Veiga (2002), as chances de desenvolvimento regional rural no Brasil estão ligados à capacidade de empreendedorismo, que possibilita a geração de empregos. Os estados brasileiros mais empreendedores no meio rural são: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Conforme ressalta Souza (1992), a atividade agrícola possui características próprias que a diferencia das outras atividades econômicas pertencentes a outros setores da economia. Essa diferenciação se dá tanto pelos aspectos relativos à natureza da produção quanto pelas relações e interdependências no contexto do agronegócio entre fornecedores, compradores e o protagonista da produção, que é o produtor rural. A produção pode depender da sua tomada de decisão, assim como a qualidade do alimento que chega até a mesa do consumidor final.

A grande maioria dos agricultores não escolhe sua profissão, ela vem como um legado, transcendendo de geração em geração, carregada de uma forte afetividade em relação à terra herdada dos avós, dos pais e transmitidas aos filhos. Esses aspectos não tem mudado para os agricultores, mas o que preocupa são as mudanças em relação às exigências nas tomadas de decisões e ações na condução do agronegócio. Caso essas

exigências impostas ao produtor, notadamente pelo mercado, não sejam atendidas, a sobrevivência da atividade agrícola pode ficar comprometida.

Segundo Cella (2002), o objetivo primordial do produtor rural é permanecer no campo, ou seja, dentro do agronegócio, mantendo a idéia básica de maximização dos lucros. Para que esse objetivo seja alcançado em tempos de globalização, se faz necessário que o produtor rural seja empreendedor e utilize as ferramentas administrativas o mais corretamente possível.

O meio rural brasileiro tem que se preocupar cada vez mais com as mudanças econômicas que estão ocorrendo, tanto a nível nacional como internacional, e para acompanhar estas inovações torna-se necessário a organização dos processos administrativos nas propriedades. O produtor rural precisa desenvolver uma visão administrativa especializada com enfoque gerencial para organizar e administrar o seu sistema de produção. Diante disso, a capacitação dos produtores rurais no, que diz respeito a administração das propriedades, tornou-se ferramenta capaz de oferecer aos produtores subsídios administrativos para adoção ou planejamento de implantação de novas tecnologias.

Relacionado a essas demandas no meio rural, o empreendedorismo como campo de estudos nos últimos anos, tem ampliado seu escopo de análise, incluindo o meio rural. Um exemplo disso são as publicações em setores antes poucos estudados, como é caso do empreendedorismo rural.

Juntamente com as recentes pesquisas, o empreendedorismo rural, tem se transformado em programas de incentivo ao desenvolvimento do empreendedor rural. Um exemplo é o programa Empreendedor Rural, uma iniciativa do Senar – Serviços Nacional da Aprendizagem Rural em parceria com o SEBRAE e federações de agricultores, sindicatos rurais e prefeituras (EMPREENDEDOR RURAL, 2007).

Segundo Veiga (2002), para maximizar a competitividade sistêmica do agronegócio, seu segmento primário – formado pela agricultura, pecuária, silvicultura e pesca – deverá minimizar custos de produção e transação dos gêneros e matérias primas que são transferidos para o segundo elo, formado por indústrias de transformação, exportadores, atacadistas ou centrais de compras das redes de varejo. A corrida tecnológica exigida por essa necessária redução de custos impõe uma especialização das fazendas, que

logo torna redundante a maior parte da mão-de-obra não qualificada, aumentando o êxodo rural.

2.3 Administração do empreendimento Rural

Estamos chamando de empresa rural o complexo família-fazenda, cujos recursos são dedicados à produção agropecuária, sem necessariamente assumir personalidade jurídica. O objetivo do proprietário-operador desta unidade produtiva (empresário) é maximizar o valor presente do patrimônio líquido da empresa. Em geral o proprietário é o empresário. Mas este termo representa a unidade de tomada de decisão que pode ser o fazendeiro, sua esposa, qualquer dos filhos ou sócios, ou uma combinação destes. E, em última instância, aquele que assume a responsabilidade pelas conseqüências das decisões normalmente trabalha com membros de sua família nas tarefas comuns da fazenda, pelo menos parcialmente.

Nunca antes neste país se falou tanto em empreendedorismo, inovação, desenvolvimento sustentável e outros termos semelhantes como nos últimos anos.

O crescimento populacional, o desenvolvimento de novas tecnologias, a redução da lucratividade, a perda da competência são temores constantes numa economia globalizada e fazem com que o ambiente empresarial sofra mudanças constantes.

Segundo (DUCKER, 2002) em poucas décadas, a sociedade se reorganiza – muda sua visão de mundo, seus valores básicos, sua estrutura social e políticas, suas artes, suas instituições fundamentais. Cinquenta anos depois, há um mundo novo. E as pessoas jovens, então, nascidas não conseguem nem imaginar o mundo em que seus avós viveram e no qual seus pais nasceram, (DRUCKER, 2002, P.15).

Nas condições atuais, a sobrevivência e o crescimento dos empreendimentos agropecuários dependem em grande parte da capacidade administrativa.

Segundo (CAMPOS 1994) “esta é a característica da era em que vivemos; empresas até então aparentemente inexpugnáveis podem, devido as rápidas mudanças, ter sua sobrevivência ameaçada.” Todos nós conhecemos exemplos no Brasil e no exterior. É por esse motivo que a preocupação atual da alta administração das empresas em todo mundo

tem sido desenvolver sistemas administrativos suficientemente fortes e ágeis, de tal forma a garantir a sobrevivência das empresas.

Ao planejar suas atividades o administrador da empresa rural, estará reduzindo a margem de erros e racionalizando o processo, alcançando resultados satisfatórios ou estabelecidos de acordo com a sua necessidade e realidade.

Inserido neste contexto o administrador necessita enxergar seu empreendimento de forma sistêmica, analisando o contexto existente de fora para dentro, permeando as relações entre o seu negócio e o ambiente identificando obstáculos, caminhos, oportunidades e ameaças.

A literatura nos conta que as primeiras preocupações na área da administração rural surgiram nos Estados Unidos e na Inglaterra, juntamente com o processo de modernização da agricultura. Os economistas e os agrônomos foram os primeiros a atuarem nesta área. Mais tarde outros países, como a França também se interessaram por esta questão. Também começaram as preocupações com relação à mercadologia, política agrícola, estrutura das propriedades rurais, etc.

No Brasil a maioria das propriedades ou fazendas é administrada pelo proprietário ou por algum membro de sua família, que geralmente não possuem a qualificação necessária para a função.

Atualmente, a área técnica está recomendando tratar a propriedade rural como empresa rural, principalmente como forma de valorização da atividade, porém existem diferenças que devem ser levadas em considerações na parte administrativa.

A agricultura usa fatores de produção de vários setores, sendo característica fundamental o uso da mão de obra familiar e o trabalho administrativo do proprietário, que geralmente não são remunerados diretamente.

A família tem seguramente influência nas decisões administrativas, de sorte que a separação das funções administrativas das demais na empresa rural é tão simples quanto fora do setor agrícola.

A maior parte das empresas rurais ainda é transmitida de pais a filhos através de heranças. Esta repartição geralmente representa em custos causando conseqüências econômicas e financeiras. Transmissões por herança tendem a ocorrer em fases de relativa estabilidade, conseguida após muitos anos de experiências administrativa do proprietário.

Com a divisão geralmente o novo proprietário encontra dificuldades na parte administrativa por falta de experiência.

Na maioria dos casos, entre herdeiros, resulta em uma redução no tamanho da empresa de cada um. Uma vez dividida, cada parte tenta sobreviver como empresa independente, iniciando assim novo ciclo.

Nas condições atuais, a sobrevivência e o crescimento da empresa rural dependem em grande parte da capacidade empresarial.

O planejamento é uma atividade inerente à humanidade. Todos planejam suas atividades individuais ou grupais, porém nem sempre atingem plenamente os objetivos propostos por não ser uma atividade racionalmente organizada.

Os objetivos serão dentre outros maximizar a renda; tornar as empresas mais eficientes e rentáveis pela criação de economia de escala; fornecer conhecimento das diferentes opções de atividades e meios de produção bem como da estimativa de seus resultados, de modo a facilitar a tomada de decisões. (Hoffmam, 1987).

Para tomar decisões o sujeito necessita de conhecimento mais amplo, profundo e dinâmico possível do objeto de interferência; dos meios e instrumentos a serem empregados na ação, dos fins ou objetivos visualizados, bem como de suas exigências e conseqüências e finalmente do próprio centro de decisões.

Alguns princípios básicos que devem ser levados em consideração pelo centro de decisão durante o processo de planejamento: finalidades do planejamento, universalidade ou integralidade, continuidade, objetividade ou neutralidade, coerência ou unidade, previsibilidade, racionalidade, participação, viabilidade econômica, viabilidade técnica, viabilidade política e institucional, economicidade, espaço, tempo, volume do plano e o instrumental de planejamento.

As tomadas de decisões, baseadas em conhecimentos técnico-administrativos, o mais atualizados possíveis serão relevantes para o sucesso do empreendimento.

O planejamento é um esforço humano, conjunto e organizado, para, modificando a sociedade, acelerar o ritmo de desenvolvimento da coletividade. Ele é formulado sistemático e devidamente integrado expressando uma série de propósitos a serem realizados dentro de determinado prazo, considerando as limitações impostas pelos recursos disponíveis, bem como as metas prioritárias definidas.

Embora existam diferentes definições do que seja planejamento ou planificação, esta é, antes de tudo, a formulação sistemática de um conjunto de decisões, devidamente integrado, que expressa os propósitos de um indivíduo, grupo ou associação de indivíduos e condiciona os meios disponíveis para alcançá-los, através do tempo. (Hoffmann, 1987).

A agricultura moderna exige empreendedor rural com conhecimento de finanças, pois com a globalização, fenômeno derivado da ciência e das tecnologias modernas, está aumentando a competição nos mercados, inclusive nos da agricultura. Com o aumento dessa competição e conseqüente redução das margens de lucro, as empresas têm que procurar formas administrativas mais eficientes para continuarem no mercado ou para crescer.

Segundo Cella e Peres (2002), em economia, admite-se que o agricultor, como qualquer outro empresário do meio urbano-industrial, conduza sua propriedade com o objetivo de maximizar os lucros. De fato, mesmo que a intenção do empresário seja outra, os modelos econômicos indicam que ele deve acabar se comportando como tal, dadas as condições de competição que prevalecem nos mercados de produtos da agropecuária. Isto quer dizer que o produtor rural procura obter a maior lucratividade possível, tendo em vista os recursos naturais, humanos, físicos e financeiros disponíveis.

A boa gestão das finanças torna necessário um sistema de controle das receitas e das despesas com as diferentes atividades. Ainda, a análise dos resultados financeiros revela a situação presente da empresa rural, possibilitando delimitar as estratégias futuras a serem perseguidas, ou mesmo, se a empresa deve ou não continuar com determinada atividade produtiva.

E citam Cella e Peres (2002), que a importância dada à área financeira também revela certas características pessoais do bom produtor rural: visão sistêmica da sua atividade empresarial, conhecimento dos riscos envolvidos com cada decisão, capacidade e habilidade em reunir e analisar as alternativas existentes no mercado financeiro.

O bom empreendedor rural precisa ter atitudes pró-ativas, na gestão dos recursos próprios e também na busca de recursos financeiros junto a terceiros, tendo habilidades para negociar prazos e valores com os agentes financeiros do mercado. A viabilidade e a implantação de estratégias produtivas, comerciais e de recursos humanos, necessitam de um sistema financeiro controlado, que possibilite ao empreendedor rural trabalhar dentro de um horizonte orçamentário planejado.

2.4 Empreendedorismo e Desenvolvimento Regional

Na nova concepção de desenvolvimento econômico, o espaço deixa de ser contemplado simplesmente como suporte físico das atividades e dos processos econômicos. Ele passa a valorizar os territórios, as relações entre seus atores sociais, suas organizações concretas, as técnicas produtivas, o meio ambiente e a mobilização social e cultural (MARINELLI e JOYAL, 2004). Neste contexto termos como capital social, empreendedorismo e territorialidade passam a centralizar as discussões acadêmicas buscando o desenvolvimento econômico local.

As atuais políticas de emprego e de dinamização da economia colocam ênfase no fomento da cultura, empresarial, ou seja, no espírito empreendedor como uma das principais vias para atacar o problema do desemprego e da revitalização empresarial.

O empreendedorismo deixou de ser uma atividade vista como urbana ou dos grandes centros econômicos e comerciais e passa a estar presente com toda força, também no meio rural, apesar do pensamento equivocado a respeito da economia rural como se ela pudesse se restringir à agropecuária e, na melhor das hipóteses, ao agronegócio, pois ferramentas para a profissionalização já está ao alcance de todos, basta a utilização correta e a vontade de mudar.

As “novas ruralidades”, define o autor, aproveitam e expandem novas funções e atividades no campo, integrando e envolvendo as famílias rurais e o resgate do patrimônio cultural local em conjunto com o poder público e a iniciativa privada. É a conhecida pluriatividade do campo, como é classificado esse novo momento no meio rural brasileiro (SILVA, 1997)

Com a globalização surge uma crescente competitividade, o que tem provocado à necessidade de se rever paradigmas de gestão e formas de inserção num ambiente turbulento e mutável que influencia todos os setores da economia, e também os empreendimentos rurais. Nessas atividades, o tradicionalismo reinante pode ser considerado um fator de (in) sucesso de acordo com as práticas de gestão adotadas, principalmente àquelas ligadas as pessoas e suas relações sociais.

O produtor rural passou a ser um empreendedor e prestador de serviços, trabalhando diretamente na fabricação e comercialização de seus produtos. A relevância

desse tipo de atividade pode ser constatada, na medida em que isto se reverte em novas oportunidades de trabalho e renda, pois, nesses casos, a economia local é ativada através da diversificação de novas formas de trabalho no campo.

Schneider (2003), ressalta ainda que as novas atividades rurais estão desenvolvendo a mentalidade do empreendedorismo rural, provocando uma clara mudança do modo de encarar a pluriatividade no campo, pois no passado, as atividades não-agrícolas não eram consideradas como fatores relevantes para o aumento da geração de renda e do nível de emprego no campo.

Este novo momento do meio rural brasileiro faz com que a pluriatividade seja uma estratégia altamente positiva para a manutenção das famílias rurais no campo, de maneira digna e sustentável, diminuindo o fluxo migratório da população do campo rumo à cidade. Esta mão-de-obra passa a trabalhar em atividades com maior nível de remuneração, onde são agregados novos valores de produção e consumo, trazendo benefícios reais à geração de emprego e renda no campo.

Destaca-se também a importância do meio rural para o Brasil, que contribui para o desenvolvimento econômico e social do País; é um espaço para desenvolvimento de territórios, considerando os municípios e regiões, porque associações de municípios, que podem ser caracterizadas através de agropólos e consórcios intermunicipais, ou clusters, que tenha qualquer iniciativa identificada como de desenvolvimento do território. Temos os Arranjos Produtivos Locais Estratégicos, os agropólos, as cadeias produtivas, no caso o agronegócio, indústria, artesanato, comércio e serviços, que são áreas que compõem o desenvolvimento econômico.

Segundo Schumpeter (1982), o desenvolvimento econômico está fundamentado em três fatores principais: as inovações tecnológicas, o crédito bancário e o empresário inovador. Este empresário inovador é capaz de empreender um novo negócio, mesmo sem ser dono do capital. A capacidade de empreender está relacionada às características do indivíduo, aos seus valores e modo de pensar e agir.

Roque e Vivam (1999) evidenciam que produtores rurais em suas bases agrícolas, assim como todos os outros setores da economia nacional, devem abrir suas propriedades para uma forma de gerenciamento que exige produtos/serviços e estratégias empresariais compatíveis com os novos padrões vigentes. A percepção para um melhor aproveitamento

do ambiente rural permite a introdução de novas atividades que garantem outras fontes de renda para o produtor e, conforme o caso, a agregação de valores aos seus produtos.

A agricultura é o principal agente propulsor do desenvolvimento comercial e, conseqüentemente, dos serviços nas pequenas e médias cidades. Basta um pequeno incentivo à agricultura para que se obtenham respostas rápidas nos outros setores econômicos, ou seja, mais empregos, mais impostos arrecadados e desenvolvimento social e econômico.

O desenvolvimento de qualquer setor da economia em geral e do agronegócio em particular passa pela capacitação das pessoas. Cada vez a educação tem o papel de criar condições não só para o entendimento da realidade, mas das formas como interagir com ela e da avaliação dos resultados desta interferência.

A rapidez das alterações tecnológicas fez surgir nas empresas de diferentes países a necessidade de flexibilidade qualitativa da mão-de-obra. Acompanhar e até antecipar-se às transformações tecnológicas que afetam permanentemente a natureza e a organização do trabalho tornou-se primordial.

Essa transformação não aceita as rotinas nem as qualificações obtidas por imitação ou repetição, o que faz surgir à necessidade do desenvolvimento de competências evolutivas articuladas com o saber-fazer mais atualizado.

Pode-se dizer que o desenvolvimento rural passa a se configurar como uma alternativa para mudar o rumo dos processos de desenvolvimento se utilizando novos meios para enfrentar a desigualdade e promover a sustentabilidade.

Algumas pesquisas indicam que é importante a identificação das principais características que determinam o perfil do empreendedor-rural, competências profissionais e pessoais, tais como: liderança, visão sistêmica da sua atividade empresarial, conhecimento dos riscos envolvidos com cada decisão, capacidade e habilidade em reunir e analisar as alternativas existentes no mercado financeiro, conhecimento da cadeia produtiva, poder de negociação, comunicação, etc.

O agronegócio brasileiro, assim como outros setores da economia tem passado por transformações, em geral, relacionadas a tecnologias. Essas transformações tem levado produtores da agropecuária a procurarem novas formas de produção, resultando na grande dinamização no setor. No entanto, as crescentes pesquisas relacionadas às capacidades

empreendedoras no meio rural necessárias á implantação dessas técnicas, ainda mostram grandes oportunidades de expansão do assunto.

Moderno, eficiente e competitivo, o agronegócio brasileiro pode ser uma atividade próspera, segura e rentável. Com um clima diversificado, chuvas regulares, energia solar abundante e quase 13% de toda água doce disponível do planeta, o Brasil tem 388 milhões de hectares de terras agricultáveis férteis e de alta produtividade, dos quais 90 milhões ainda não foram explorados. Esses fatores fazem do país um lugar de vocação natural para a agropecuária e todos os negócios relacionados à suas cadeias produtivas. O agronegócio é hoje a principal locomotiva da economia brasileira.

O enfoque do agronegócio é essencial para retratar as profundas transformações verificadas na agricultura brasileira, nas últimas décadas, período no qual o setor primário deixou de ser um mero provedor de alimentos in-natura e consumidor de seus próprios produtos, para ser uma atividade, integrada aos setores industriais e de serviços.

O conceito de agronegócio contempla a visão sistêmica das cadeias produtivas agroindustriais, envolvendo todos os segmentos abrangidos nos setores de insumos materiais (sementes, mudas, fertilizantes, corretivos, agrotóxicos, máquinas e equipamentos e etc.). O setor da produção rural propriamente dito, o setor de transformação (industrialização), o setor de distribuição e comercialização, bem como o ambiente institucional (aparato legal) e organizacional (pesquisa, extensão e ensino, entidades de classe, cooperativas, agentes financeiros) que dão suporte aos ambientes produtivo e de negócio.

Há muitas possibilidades reais e emergentes de geração de renda para a população rural, porém a necessidade de melhoria na implementação de políticas públicas.

Segundo Campanhola (2000) a descentralização e fortalecimento das representações locais oferecem uma nova perspectiva para o desenvolvimento rural. Permitem um enfoque regional, que leva em consideração as dimensões espaciais do desenvolvimento e o delineamento de soluções localmente compatíveis. Em complemento, entidades do governo local podem se constituir na força motora dos esforços de desenvolvimento.

E Abramovay (2003) coloca que é nos territórios – urbanos ou rurais – que podem ser implantadas as políticas voltadas a mobilizar as energias necessárias a que a pobreza seja significativamente reduzida, por meio do fortalecimento do empreendedorismo rural

de pequeno porte. A vitória sobre a pobreza depende, antes de tudo, do aumento das capacidades produtivas e da inserção social em mercados dinâmicos e competitivos dos milhões de famílias cuja reprodução social se origina em seu trabalho “por conta própria”. O alargamento dos horizontes contidos nesta proposição só pode vir de uma política nacional que estimule a ampliação dos veículos sociais localizados dos que estão em situação de pobreza e este é o sentido maior da

Abordando, mesmo de forma rápida, uma consideração geral sobre o conceito de território na atualidade. Esta consideração diz respeito a algumas concepções de território muito presentes na Geografia, segundo Sposito (2004): uma natural, uma individual e uma espacial. A concepção naturalista do território (território clássico), muito difundida, tem justificado historicamente, e ainda hoje, as guerras de conquista através de um imperativo funcional que se sustenta como natural, mas em verdade, construído socialmente.

A concepção do território do indivíduo põe em evidência a territorialidade, algo extremamente abstrato, o espaço das relações, dos sentidos, do sentimento de pertença e, portanto da cultura. O território, neste caso, assume diferentes significados para uma comunidade islâmica, para uma tribo indígena, para uma família que vive numa grande metrópole ou, ainda, entre pessoas dentro de cada grupo social.

E a última concepção que confunde os conceitos de território e de espaço, este o principal conceito geográfico. Portanto, antes de definirmos o conceito de território deve-se abordar o de espaço. Assim, tomando-se um quadro referencial da geografia brasileira, o conceito de espaço, ou espaço geográfico, segundo Milton Santos, seria aquele “formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como quadro único no qual a história se dá” (1999 p51)

O grande desafio das políticas de desenvolvimento territorial é melhorar as capacidades produtivas e as condições de acesso aos mercados dos empreendedores de pequeno porte, cujo objetivo básico é estimular um ambiente em que a cooperação social localizada amplie o poder competitivo dos que hoje se encontram em situação de pobreza, abrindo o caminho para inovações tecnológicas e organizacionais.

Podemos considerar alguns componentes essenciais para o empreendedorismo rural: uso do poder de compra; interiorização das políticas de desenvolvimento das MPE rurais (Fundamental para o desenvolvimento equilibrado dos territórios); acesso ao crédito;

apoio ao associativismo, cooperativismo e da economia solidária; políticas de qualidade e produtividade das MPE; acesso a infra-estrutura; acesso à inovação em tecnologias e processos, os segmentos que participam desse processo: agroindústria, agricultura de sequeiro, agricultura irrigada, pecuária, pesca e aqüicultura, atividades não agrícolas no espaço rural: indústrias auxiliares das atividades agrícolas, artesanato, ecoturismo e turismo rural e reciclagem.

A capacidade de empreender está relacionada às características do indivíduo, aos seus valores e modo de pensar e agir. Dessa maneira, os empreendedores são responsáveis pelo desenvolvimento econômico. Promovendo o rompimento da economia em fluxo circular para uma economia dinâmica, competitiva e geradora de novas oportunidades. No entanto em relação ao desenvolvimento rural, é imprescindível que se invista na pesquisa e extensão agropecuária para aumentar a eficiência dos sistemas sustentáveis, bem como, torná-los acessíveis aos produtores rurais. Também é importante o envolvimento dos técnicos em agropecuária, bem como o alcance do empreendedorismo para a agropecuária e para o desenvolvimento rural.

Segundo Zuin e Queiros (2006) a cultura do empreendedorismo é considerada por muitos como a saída mais viável para resolver o problema do desemprego e da miséria no campo e na zona urbana. É certo também que para a implantação e frutificação dessa cultura, haverá necessidade da criação e adequação de políticas públicas para suportar os investimentos iniciais dos negócios, de programas de capacitação específicos, segundo a vocação de cada região do país e da parceria da educação na formação de cidadãos empreendedores desde as primeiras séries do ensino fundamental. Desta forma, se esta ajuda inicial for bem planejada e implantada, poderá refletir diretamente no desenvolvimento econômico e social do país, por meio do aumento dos postos de trabalho, da melhoria na qualidade de vida das pessoas e do menor gasto público com segurança urbana e rural.

O desenvolvimento de qualquer setor da economia em geral e do agronegócio em particular, está ligado a capacitação das pessoas. Cada vez a educação tem o papel de criar condições não só para o entendimento da realidade, mas das formas como interagir com ela e da avaliação dos resultados desta interferência.

2.5 A Educação, o Trabalho, as Políticas Educacionais e Suas Implicações na Realidade Escolar

A história da educação brasileira, desde o período colonial, está relacionada aos aspectos histórico-sociais da sociedade e a educação estabelece uma estreita relação com o contexto social dominante, adequando-se aos seus objetivos.

Assim, a educação, no início de nossa história, era extremamente elitizada, só tinha acesso a ela pessoas da classe dominante, seu conteúdo era desinteressado e destinado a dar cultura geral a uma minoria de privilegiados socialmente.

Surge, então, a educação profissional, que é uma educação interessada em formar mão de obra barata e qualificada para o mercado de trabalho. Nesse sentido as reivindicações para a universalização da educação básica e para o ensino profissionalizante visam o aumento da produtividade industrial para a valorização do capital.

Na associação entre trabalho-educação surgiu o tipo de escola interessada no trabalho. Uma escola, que perdeu muito de sua essência de formadora de seres livres e pensantes e automatizou o ensino com o objetivo inicial de atender às exigências de um mercado capitalista.

A Educação tomou e toma características e funções específicas em cada etapa histórica, e como, em decorrência de novas exigências histórico-sociais, vai se modificando.

Como ressalta a autora Romanelli (1997)

Para uma economia de base agrícola (...) sobre a qual se assentavam o latifúndio e a monocultura (...) a educação realmente não era considerada como fator necessário (...) Foi somente quando essa estrutura começou a dar sinais de ruptura que a situação educacional principiou a tomar rumos diferentes. (1977, p.45)

O marco inaugural do ensino técnico no Brasil foi em 1909 com o objetivo do disciplinamento, do aprender a fazer para executar trabalhos manuais para a coroa portuguesa. Ao longo da história a educação profissionalizante carrega o estigma de ser

higienizadora da sociedade por ser destinada aos menos favorecidos, com a ideia de incluir pessoas, que, de uma forma ou de outra, eram marginalizadas pela sociedade e que tinham pouco discernimento intelectual como comprova a seguinte frase: “Quem pensa manda fazer, quem faz não pensa.”

Neste contexto, a educação da classe trabalhadora no Brasil, até 1930, não era valorizada uma vez que o trabalho manual tinha uma conotação negativa, era considerada uma atividade aviltante relacionada à pobreza e à escravidão. Herança cultural que, ainda hoje, em nossa sociedade, tem uma tendência em considerar o trabalho manual dissociado do intelectual e menos importante.

Segundo CARVALHO (2003) a trajetória da educação profissional nos permite, assim, demonstrar que esta modalidade do sistema educativo sempre esteve atrelada aos interesses econômico-sociais do país e que a absorção dos novos conceitos não tem alterado esta premissa, tendo sido realizado, apenas, a atualização de uma mesma concepção. Ela evidencia, ainda, que o dualismo da educação, conforme os segmentos sociais, é a marca fundamental desse tipo de formação. (2003, p. 79)

O elemento trabalho está diretamente relacionado à educação profissionalizante, uma vez que, este tipo de educação tem como objetivo principal preparar o educando para o mercado de trabalho, para a empregabilidade.

Segundo Souza (2002) “ao tratarmos de formação para o trabalho, inevitavelmente estaremos estabelecendo uma interface entre trabalho e educação.” (2002, p. 15)

No decorrer da história do capitalismo pode-se constatar que o próprio conceito de trabalho tem sofrido importantes alterações, consequência da disputa capital e trabalho pela hegemonia da sociedade.

O que determina a subordinação real do trabalhador ao capital é a forma de organização das forças produtivas e de regulação das relações de produção fundadas na apropriação privada do trabalho excedente, requisito essencial para a extração de *mais-valia*, gerador de valor de uso, característica principal do processo de trabalho capitalista.

O mundo capitalista precisa da escola interessada no trabalho que possa formar seres que atendam aos objetivos traçados por ele, que incorporem valores específicos deste sistema, sem questioná-los. Os educandos devem ser preparados para serem protagonistas

de um espetáculo ao qual eles não terão o direito de assistir, apenas proporcionar condições aos outros de usufruírem.

Neste sentido Saviani (2006) afirma ser o trabalho que define a essência humana. Isso significa que não é possível ao homem viver sem trabalhar. Já que o homem não tem sua existência garantida pela natureza, sem agir sobre ela transformando-a e adequando-a as suas necessidades, o homem perece. Daí, o adágio: ninguém pode viver sem trabalhar. No entanto, o advento da propriedade privada tornou possível à classe dos proprietários viverem sem trabalhar, viver do trabalho alheio. (2006,p.5)

Na história da educação profissional, as oportunidades escolares para o povo, normalmente, surgem para suprir uma necessidade de formação de mão de obra em níveis mais ou menos elevados conforme comenta: Neves (1994) que a complexidade da divisão social do trabalho exige, pois, não só a expansão da escolaridade mínima para além do nível fundamental de ensino, mas também a multiplicação de campos de saber a serem aprofundados. Multiplicam-se conseqüentemente os centros de pesquisa e de difusão científica, ampliando sua abrangência para um conjunto maior da população. A escola socializa-se progressivamente, redefinindo ao mesmo tempo suas funções tradicionais ideológicas e socializadoras, passando a ter como finalidade principal a formação técnica e comportamental de um novo tipo humano capaz de decifrar os novos códigos culturais de uma civilização técnico-científica. (1994, p. 20)

Souza (2002) entende que assim, ao redefinir o papel da escola no mundo contemporâneo, direcionando-a para a formação técnica e comportamental de um novo tipo de homem. Que possa atender aos requisitos necessários às exigências de crescente racionalização do trabalho e das relações sociais de produção, o modo de produção capitalista comporta, enquanto lei a ele emanasse, o avanço do patamar científico e tecnológico da formação do conjunto da força do trabalho. (2002, p.31)

Nessa perspectiva, a escola, como forma de atender ao mercado de trabalho e ter o reconhecimento da sociedade, abre mão do ensino propedêutico, não deixando de ministrá-lo, mas o descuidando e o relegando a um segundo plano em detrimento do ensino técnico, que é priorizado, justificando que os conhecimentos técnicos é que assegurarão ao educando uma colocação no mercado de trabalho.

Teoricamente, a educação tem papéis diversos, depende de quem a ministra, tanto ela pode formar um cidadão consciente dos seus direitos e deveres, como um alienado. A

educação deveria ser um instrumento de emancipação individual e social e que desse ênfase aos aspectos humanitários, o ser em detrimento do ter. Esta nem sempre é a posição do educador, que, às vezes, age inconscientemente, devido à sutileza ideológica que está por trás dos mecanismos sociais que o induzem a ter comportamentos que desabonam seu papel de educar para um mundo mais justo e com mais igualdade social.

Para Souza (2002) a educação, por sua vez, enquanto política social do Estado capitalista, têm respondido de modo específico às necessidades de valorização do capital, ao mesmo tempo em que tem se constituído num instrumento de emancipação da classe trabalhadora, através do efetivo acesso ao saber socialmente produzido.(2002, p. 51)

A valorização do capital mencionada por Souza, se faz sentir na Escola na medida em que os aspectos formativos são pouco valorizados, dando-se maior importância aos aspectos puramente técnicos.

Para abordar o tipo de escola ideal para a classe trabalhadora segundo Gramsci, pode-se partir da seguinte frase deste intelectual italiano: “Lembrar que antes do operário existe o homem, que não deve ser impedido de percorrer os mais amplos horizontes do espírito, subjugado à máquina.” (Souza, 2002, p.61.).

O homem é o único ser que tem condições de moldar seu comportamento através de mecanismos sociais. Um desses mecanismos é a educação, que é definida por Souza como: “um processo de aquisição de conhecimentos necessários ao homem no seu intercâmbio com a natureza e com os outros indivíduos.” (Souza, 2002, p.59). Na concepção de valorização do homem a educação deverá estar a seu serviço, auxiliando-o na realização pessoal e profissional. A educação não se dará em somente uma fase da vida do ser humano ela será um processo, e, por isso, ocorrerá gradativamente, isto é, em todos os níveis de escolaridade. Os conhecimentos adquiridos desta forma servirão para o homem relacionar-se melhor com o mundo, no âmbito social, econômico, profissional e político e dominar a tecnologia, usando-a como um bem para melhorar a humanidade.

Para GRAMSCI (1991) a escola unitária ou de formação humanista ou de cultura geral deveria se propor à tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los levado a certo grau de maturidade e capacidade, à criação intelectual e prática de certa autonomia na orientação e na iniciativa. (1991, p.121)

Nas décadas de 80 e 90, houve muitas reformas educacionais na América Latina, que geraram transformações na educação técnico-profissional, desde a aprendizagem de

ofícios manuais até a formação de quadros superiores. Essas transformações têm determinantes externos aos sistemas educacionais e são de caráter político, social e econômico. Como determinantes políticos aparecem: a ampliação da educação, estendendo a escolarização para além do período obrigatório e a possibilidade de transferir alunos entre diferentes tipos de cursos. Como determinantes sociais: a pressão das camadas menos favorecidas para o ingresso no ensino médio, bem como a ampliação da escolarização das mulheres. Por último, os determinantes econômicos que resultam da incorporação de novas tecnologias, que mudam rapidamente, na produção de bens e serviços, bem como nas organizações públicas e privadas, das quais a informática é a mais generalizada.

O Brasil, além de sofrer a pressão de mecanismos internacionais e estar submetido a processos sociais e econômicos idênticos aos de outros países da América Latina, ainda, enfrenta lutas internas de forças progressistas e conservadoras na formulação ou reformulação de políticas educacionais adequadas a um desenvolvimento mais harmônico, justo e igualitário da sociedade.

Pela vasta gama de reformas educacionais que ocorreram em nosso país, procurar-se-á discorrer, de forma sintética, sobre as que mais se salientaram, como é o caso da Lei 5692/71, que correspondeu a uma concepção pedagógica calcada num modelo em vigor nos EUA. Esta lei fundiu o ensino primário ao 1º ciclo do ensino médio, instituindo um novo ensino de 1º grau, obrigatório para todos, com oito anos de duração. As quatro últimas séries seriam profissionalizantes. Para o 2º grau, universal e compulsoriamente profissional, a idéia era de habilitar os alunos como técnicos ou auxiliares de técnicos.

Com essa política a educação geral perdeu muito espaço em detrimento da profissionalizante o que prejudicou a educação como um todo e, ainda, esta reforma não teve sucesso, principalmente, devido à falta de recursos financeiros, e a carência de pessoal qualificado nas redes públicas de ensino. Surgiu, então, a lei 7044/82 para reorientar a lei de onze anos antes, e estabelecer a função propedêutica do ensino de 2º grau.

A política educacional implementada a partir de 1995 reservou um lugar especial ao ensino técnico, porque além de suprir a necessidade econômica da formação profissional de nível médio, como exigência do desenvolvimento tecnológico, diagnosticou que as escolas técnicas federais teriam se transformado em alternativa de ensino médio gratuito e de boa qualidade para jovens de classe média que estariam interessados em

prosseguir os estudos em um curso superior que não tivesse nenhuma relação com o curso técnico realizado.

Com as mudanças ocorridas nos anos 90 verificou-se, mais uma vez, a tentativa de separação entre a educação geral-propedêutica e a educação técnico-profissional. Esta situação conflitiva só foi atenuada pela exigência de que o curso técnico somente poderá certificar alunos que tenham também concluído o ensino médio. E nos cursos sequenciais a ênfase é para estudantes que não conseguirem acesso aos cursos superiores.

A LDB/96, que teve uma trajetória conturbada até sua aprovação, acabou sendo aprovada e deixou muitas brechas para se lançarem leis e decretos. Uma característica é a concepção marcadamente profissional do ensino médio, cujas finalidades incluem a preparação para o trabalho. Os conteúdos e avaliações serão organizados de tal forma que, ao final do ensino médio, o educando demonstre “domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna.”

O Decreto 2.208/97 impôs um conjunto de reformas à educação profissional no país, sendo a principal delas a separação estrutural entre o ensino médio e o técnico. Esta reforma, por não ter partido da vontade e da necessidade dos docentes da rede de ensino, teve pouca aceitação e está sendo, gradativamente, substituída pelos métodos tradicionais.

No ano de 2002 o Ministério da Educação anunciou que a educação profissional seria reconstruída como política pública, corrigindo distorções de governos anteriores. Entre essas correções, estava a revogação do Decreto 2.208/97, restabelecendo-se a possibilidade de integração curricular dos ensinos médio e técnico.

Diante destes anseios deveria haver uma revisão profunda da atual LBD e não uma lei específica para a educação profissional. O fato é que isso não ocorreu, o que se viu foi o inverso, e houve uma fragmentação iniciada internamente no próprio Ministério da Educação, que posteriormente tomou algumas medidas que comprovaram a política de integração não seria prioridade.

A Política de Educação Profissional do MEC objetiva (Brasil 2009) “promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, capacitando jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e específicas para o exercício de atividades produtivas”. Apesar de entender a educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, com o objetivo de garantir ao cidadão o direito a permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva e social, o foco da

educação profissional são as novas exigências do mundo do trabalho, explicitadas de acordo com as áreas profissionais e os perfis de competências estabelecidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico.

Temos consciência que a prosperidade de uma nação ou de uma região depende da educação e de um conjunto de políticas públicas.

A geração e disseminação da informação têm tudo a ver com o desenvolvimento sustentável. Os proprietários rurais precisam de conhecimento específico para entrar no mercado, crescer e se destacar e, muitas vezes, eles não sabem bem onde encontrá-lo. Com a globalização, a educação profissional é considerada um dos principais instrumentos para o desenvolvimento de um país ou região, e para o governo brasileiro as escolas técnicas são pilares estratégicos para alcançar este objetivo. Alguns estudos apontam a contribuição do empreendedorismo para o desenvolvimento regional. Em virtude disso, instituições de ensino e órgãos governamentais, em especial, promovem ações para o desenvolvimento do perfil empreendedor dos indivíduos.

Derrubar as barreiras entre o ensino técnico e o científico, articulando trabalho, ciência e a cultura na perspectiva da emancipação humana deve ser um dos objetivos dos institutos. Sua orientação pedagógica assentada no pensamento analítico e na formação profissional mais abrangente e flexível voltada para o mundo do trabalho e menos para a formação de ofícios, em um profissionalizar-se mais amplo que abra infinitas possibilidades de reinventar-se no mundo e para o mundo, princípios estes válidos inclusive para as engenharias e licenciaturas. Temos de construir uma instituição inovadora ousada com um futuro em aberto e capaz de ser um centro irradiador de boas práticas, articulando-se com as redes públicas de educação básica.

A política de Expansão da Rede Federal surge em um contexto instaurado à semelhança da política educacional britânica, conforme Trevisan (2001) no qual o investimento na formação de mão-de-obra visava à descentralização da responsabilidade do Estado, direcionando principalmente tal atividade para o terceiro setor, impedindo as escolas técnicas federais de crescerem como demonstrado claramente na lei nº 8.948/94: a expansão da oferta de educação profissional, mediante a criação de novas unidades de ensino por parte da União, somente poderá ocorrer em parceria com Estados, Municípios, Distrito Federal, setor produtivo ou organizações não-governamentais, que serão responsáveis pela manutenção e gestão dos novos estabelecimentos de ensino.

Não havia nessa época a vinculação da educação profissional com a educação básica, aí o caráter utilitarista e modular estava posto. Por outro lado, representantes de movimentos sindicais, acadêmicos e outras esferas da sociedade civil clamavam por uma educação integral e pela democratização do acesso amplamente em âmbito nacional. Essa mobilização se desenvolveu e repercutiu em todo o início do governo atual, em 2003, até que em 18 de novembro de 2005, foi promulgada a lei que modifica apenas uma palavra da lei anterior, o suficiente para permitir a Expansão que hoje testemunhamos.

A expansão da oferta de educação profissional, mediante a criação de novas unidades de ensino por parte da União, ocorrerá, preferencialmente, em parceria com Estados, Municípios, Distrito Federal, setor produtivo ou organizações não governamentais, que serão responsáveis pela manutenção e gestão dos novos estabelecimentos de ensino.

Com isso, inicia-se o planejamento do Plano de Expansão da Rede Federal que estabelece como meta a implantação de 60 escolas de 2006 a 2007. Referendado no segundo mandato do presidente LULA, período de 2007 até hoje, pelo Plano de Desenvolvimento da Educação, o PDE. As diretrizes do PDE apontam, especialmente, para qualidade da educação básica. Nesse sentido, a educação profissional se inclui como a que possui “atuação integrada e referenciada regionalmente e evidencia com grande nitidez os desejáveis enlances entre educação sistêmica, desenvolvimento e territorialidade”.

O processo de expansão, passa ser efetivado com a Lei 11.892, publicada em 29/12/2008, que cria no âmbito do Ministério da Educação um novo modelo de instituição de educação profissional e tecnológica.

Os objetivos dos Institutos Federais segundo a Lei 11.892: (Brasil 2009)

Art. 7º Observadas as finalidades e características definidas no art. 6º desta Lei, são objetivos dos Institutos Federais:

I – ministrar educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos;

II – ministrar cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores, objetivando a capacitação, o aperfeiçoamento, a

especialização e a atualização de profissionais, em todos os níveis de escolaridade, nas áreas da educação profissional e tecnológica;

III – realizar pesquisas aplicadas, estimulando o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas, estendendo seus benefícios à comunidade;

IV – desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos;

V – estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional; e

VI – ministrar em nível de educação superior:

a) cursos superiores de tecnologia visando à formação de profissionais para os diferentes setores da economia;

b) cursos de licenciatura, bem como programas especiais de formação pedagógica, com vistas na formação de professores para a educação básica, sobretudo nas áreas de ciências e matemática, e para a educação profissional;

c) cursos de bacharelado de bacharelado e engenharia, visando à formação de profissionais para os diferentes setores da economia e áreas do conhecimento;

d) cursos de pós-graduação lato sensu de aperfeiçoamento e especialização, visando à formação de especialistas nas diferentes áreas do conhecimento; e

e) cursos de pós graduação stricto sensu de mestrado e doutorado, que contribuam para promover o estabelecimento de bases sólidas em educação, ciência e tecnologia, com vistas no processo de geração e inovação tecnológica.

A Expansão da Rede Federal pretende concluir um total de 354 unidades até o final de 2010. (BRASIL, 2009). Esse crescimento representou até os dias de hoje um aumento considerável no quadro de técnicos e docentes e de investimento financeiro que foi quase

duplicado, comparando o orçamento atual ao de 1998. Evidencia-se, portanto, a maior expansão da história da rede federal.

O Plano ganhou força também pela forma como foi implantado. Foram estabelecidos critérios claros formalizados nas chamadas públicas. Não dá para negar, por exemplo, que o critério de distribuição territorial equilibrada das novas unidades foi obedecido. Foi uma estratégia para alcançar a abrangência para além dos municípios em que seriam inseridas de forma a permitir o atendimento da população da região, são as chamadas cidades pólos.

Outro critério a ser considerado é a cobertura do maior número possível de mesorregiões e a sintonia com os Arranjos Produtivos Locais, pela articulação com outras políticas implantadas pelos Ministérios do Planejamento e o da Indústria e Comércio Exterior com a finalidade de otimizar recursos. Além de induzir ao estreitamento da relação com o desenvolvimento local e regional, na oferta de cursos de acordo com a demanda local e no extensionismo tecnológico. E isso tem se efetivado com o chamamento da comunidade regional para colaborar na escolha e definição de novos cursos a serem oferecidos nas instituições de ensino.

O aproveitamento de infra-estruturas físicas existentes e a identificação de potenciais parcerias para implantação de uma unidade da Rede Federal pois o maior investimento orçamentário encontra-se nem tanto na construção e reforma, mas em sua manutenção. Logicamente que o Governo Federal assume aqui um papel relevante no desenvolvimento da ampliação da oferta da educação profissional pública no país. A questão das parcerias busca possibilitar à nova unidade um dinamismo e um alcance em suas ações que dificilmente seriam obtidos apenas com a aplicação dos recursos do orçamento da União (SETEC, 2007).

A criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia dá visibilidade a uma convergência de fatores que traduzem a compreensão do atual governo quanto ao papel da educação profissional e tecnológica no contexto social do Brasil e deve ser reconhecida como ação concreta das atuais políticas para a educação brasileira, com recorte especial para aquelas voltadas à educação profissional e tecnológica e à rede federal.

Essa modalidade da educação vem sendo considerada como fator estratégico não apenas na compreensão da necessidade do desenvolvimento nacional, mas também como um fator para fortalecer o processo de inserção cidadã para milhões de brasileiros.

Nesse contexto, o Instituto Federal aponta para um novo tipo de instituição identificada e comprometida com o projeto de sociedade em curso no país. Representa, portanto, um salto qualitativo em uma caminhada singular, prestes a completar cem anos.

Trata-se de um projeto progressista que entende a educação como compromisso de transformação e de enriquecimento de conhecimentos objetivos capazes de modificar a vida social e de atribuir-lhe maior sentido e alcance no conjunto da experiência humana, proposta incompatível com uma visão conservadora de sociedade. Trata-se, portanto, de uma estratégia de ação política e de transformação social.

Mais que se definirem por instituições que ofertam a educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, essas instituições consolidam seu papel social vinculado à oferta do ato educativo que elege como princípio a primazia do bem social.

E com cita (Pacheco, 2009) os Institutos Federais ressaltam a valorização da educação e das instituições públicas, aspectos das atuais políticas assumidos como fundamentais para a construção de uma nação soberana e democrática, o que pressupõe o combate às desigualdades estruturais de toda ordem. Os Institutos Federais respondem à necessidade da institucionalização definitiva da educação profissional e tecnológica como política pública.

Enquanto política pública, os Institutos Federais assumem o papel de agentes colaboradores na estruturação das políticas públicas para a região que polarizam, estabelecendo uma interação mais direta junto ao poder público e às comunidades locais.

Nesse sentido, cada Instituto Federal deverá dispor de um observatório de políticas públicas enquanto espaço fundamental para o desenvolvimento do seu trabalho.

Contudo, essa nova institucionalidade fomenta a criação de uma outra representação, distanciada daquela construída por quase um século de existência, e que trazia, por vezes, reações severas quanto a sua finalidade.

Em tempos recentes, a educação profissional e tecnológica também se viu argüida no que se referia à pertinência da oferta pública; esse foi um tempo em que também se acentuava, em relação à educação profissional e tecnológica, uma concepção de caráter

funcionalista, estreito e restrito apenas a atender aos objetivos determinados pelo capital, no que diz respeito ao seu interesse por mão-de-obra qualificada.

As transformações que estão ocorrendo em todas as áreas das atividades humanas na sociedade, através de novas formas de pensar, agir e produzir, impõem a necessidade de ser repensada e reestruturada essa modalidade de Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

A educação agrícola requerida pela sociedade caracteriza-se pela incorporação das novas tecnologias, pelos novos modelos de gestão da produção, pela imperativa necessidade da formação de profissionais responsáveis socioambientalmente e, então, representada por uma educação comprometida com as múltiplas necessidades sociais e culturais da população brasileira. Tudo isto estabelece como marco fundamental: formar profissionais técnicos e politicamente preparados para atender as demandas da sociedade.

Por sua vez, a preocupação com a grande migração do campo para a cidade fez com que fossem buscados mecanismos para frear ou desacelerar o êxodo rural, passando-se a vislumbrar a educação como um instrumento eficaz para realizar essa função. Assim, justificavam-se todas as iniciativas a favor da educação rural e agrícola.

A diversidade existente na agropecuária, resultante de vários fatores, e as dimensões continentais do Brasil, aumenta as dificuldades e desafios impostos ao ensino agrícola para dar conta das diferentes demandas.

No momento não há como negar que existe forte movimento na busca de um modelo de produção sustentável. Por essa razão observa-se que muitas instituições que atuam no ensino agrícola, nos últimos anos, vêm discutindo essa temática.

Atuar no sentido do desenvolvimento local e regional na perspectiva da construção da cidadania, sem perder a dimensão do universal, constitui um preceito que fundamenta a ação do IFRS – Campus Sertão.

O diálogo vivo e próximo dos Institutos Federais com a realidade local e regional objetiva provocar um olhar mais criterioso em busca de soluções para a realidade de exclusão que ainda neste século castiga a sociedade brasileira no que se refere ao direito aos bens sociais e, em especial, à educação.

No local e no regional, concentra-se o universal, pois nada no mundo seria em essência puramente local ou global. Eis porque o desenvolvimento local e regional deve vir

no bojo do conjunto de políticas públicas que transpassam determinada região e não como única agência desse processo de desenvolvimento.

3 METODOLOGIA

A revisão de literatura foi fundamental para dar o embasamento teórico e subsidiar cientificamente a elaboração das hipóteses e a construção do roteiro para a realização das entrevistas, as quais foram realizadas junto aos egressos do curso Técnico em Agropecuária do IFRS – Campus Sertão.

A metodologia usada inicialmente foi o levantamento de dados bibliográficos, ou seja, de fontes secundárias, por meio de revisão de livros, periódicos e revistas, onde vários temas foram pesquisados.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em cd e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (LAKATOS; MARCONI, 1991 p. 66).

Num segundo momento foi desenvolvida uma etapa exploratória, objetivando a busca dos egressos para realização da pesquisa de campo.

De acordo com Thiollent (2007), a pesquisa qualitativa traz um estudo de reflexão a partir de concepções teóricas e pesquisas semi-estruturadas, dentro de uma metodologia que possibilite a aproximação com a realidade. Tal pesquisa possibilita um trabalho em um universo amplo de significados que se inter- relacionam entre si.

Para o desenvolvimento do presente trabalho a metodologia de pesquisa utilizou na investigação os dois caminhos, o qualitativo e o quantitativo, tentando articular os dois modelos, com vistas a um melhor entendimento do problema proposto.

Na metodologia qualitativa as características segundo Creswell (2007, p.208) são: que a pesquisa ocorra em um cenário natural; empregue métodos múltiplos de coleta de dados; seja emergente, e não pré-configurada; seja baseada nas interpretações do pesquisador; seja vista de forma holística; seja reflexiva; use processos de raciocínio indutivo; empregue uma estratégia de investigação.

Dentro da abordagem qualitativa, optamos pelo estudo de caso, que para Lüdke e André (1986, p.13), a que vem se destacando e ganhando aceitação entre as várias formas que uma pesquisa qualitativa pode assumir.

Os métodos quantitativos segundo Creswell (2007, p. 18) envolvem os processos de coleta, análise, interpretação e redação dos resultados de um estudo. Existem métodos específicos tanto nas pesquisas de levantamentos quanto nas de experimentos que estão relacionados à identificação de uma amostra e de uma população. A especificação da estratégia de investigação, a realização da coleta e análise de dados, a apresentação de resultados, a elaboração de uma interpretação e da redação de um relatório de modo apropriado para um levantamento ou estudo experimental.

3.1 Caracterização do IFRS- Campus Sertão

3.1.1 O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Rio Grande do Sul – Campus Sertão



O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA – RIO GRANDE DO SUL – Campus Sertão integra a Rede Federal de Educação Tecnológica e a reitoria do IFRS esta localizada em Bento Gonçalves. Ainda fazem parte deste instituto o campus de Bento Gonçalves, Canoas, Caxias do Sul, Erechim, Farroupilha, Feliz, Ibirubá, Osório, Porto Alegre, Restinga, Rio Grande.

A Instituição de Ensino foi criada em 1957 e com o lema “Humanizar o técnico para não se perder o homem”, já formou mais de 4.000 técnicos, encaminhados para o mercado de trabalho.

Foi criada pela Lei nº 3.215, de 19 de julho de 1957, com denominação de Escola Agrícola de Passo Fundo, iniciando seu efetivo funcionamento no ano de 1963. Através do Decreto Lei nº 53.558, de 13 de fevereiro de 1964, passou a denominar-se Ginásio Agrícola de Passo Fundo, com localização em Passo Fundo – RS, subordinado à Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário, ligada ao Ministério da Agricultura. Pelo Decreto nº 60.731, de 19 de maio de 1967 a instituição foi transferida, juntamente com outros órgãos de Ensino, para o Ministério da Educação e Cultura.

Pelo Decreto nº 83.935, de 04 de setembro de 1979 passou a denominar-se Escola Agrotécnica Federal de Sertão, subordinada à Secretaria de Educação de 1º e 2º Graus do Ministério da Educação e Cultura. Obteve declaração da regularidade de estudos pela

Portaria nº 081, de 06 de setembro de 1980, da Secretária do Ensino de 1º e 2º Graus, do ministério da Educação e Cultura. A Lei Federal nº 8.731, de 16 de novembro de 1993 transformou a Escola Agrotécnica Federal de Sertão em autarquia Federal, com autonomia administrativa e pedagógica.

Inicialmente a escola oferecia o curso Ginásial Agrícola e conferia ao concluinte o diploma de Mestre Agrícola, de acordo com o Decreto-lei nº 9.613, de 20 de agosto de 1946 – Lei Orgânica do Ensino Agrícola. No período de 1970 a 1975, oferecia o curso Técnico Agrícola e conferia ao concluinte o diploma de Técnico em Agricultura, em nível de 2º Grau. A partir do segundo semestre de 1973, a habilitação passou a titular-se Técnico em Agropecuária.

Com a política do Governo Lula de expansão da Rede Federal a partir de 2008 passou a pertencer ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS – Campus Sertão) sendo a sede da reitoria em Bento Gonçalves.

O Campus tem marcante atuação junto à comunidade regional e desempenha papel importante no atendimento de demandas específicas na região, através dos cursos que desenvolve e das parcerias com municípios da região, empresas, cooperativas e outras instituições de ensino como Universidades e Sindicatos.

Contando com uma área de 237 hectares, além de modernos laboratórios, o Campus mantém setores de produção nas áreas de: Agricultura (Culturas Anuais, Fruticultura, Silvicultura e Olericultura); na área de Zootecnia (Bovinocultura de corte e leite, Ovinocultura, Suinocultura, Apicultura, Piscicultura e Avicultura); Agroindústria; e Unidade de Beneficiamento de Sementes, constituindo um laboratório para prática profissional, atividades pedagógicas e produção de matéria-prima para o processo agroindustrial.

O Campus funciona em período integral, com aulas teóricas e práticas, nos períodos da manhã, tarde e noite, incluindo, ainda, outras atividades para atendimento da clientela externa, como cursos de curta duração, que visam à atualização, capacitação e treinamento em áreas diversas e cursos de qualificação.

É oferecido, na atualidade, o curso Técnico em Agropecuária, nas modalidades integrado e subsequente ao Ensino Médio; o curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática subsequente ao Ensino Médio; o curso Técnico em Agroindústria subsequente ao Ensino Médio; PROEJA, com formação técnica em Comércio e os cursos superiores de

Tecnologia em Agronegócio, Engenharia Agrônômica, Licenciatura em Ciências Agrícolas, Tecnologia em Gestão Ambiental e Zootecnia, além do curso de Formação Pedagógica para Graduados.

3.1.2 Servidores do IFRS- Campus Sertão e Formação

TABELA 1: Nº de Docentes e Técnicos Administrativos e Titulação – IFRS –Campus Sertão.

Nível de Escolaridade	Docentes	Técnicos Administrativos
Doutorado	14	00
Mestrado	45	02
Especialista	01	22
Graduados	01	17
Mestrandos	07	04
Ensino Médio	00	12
Ensino Médio Prof.	00	26
Ensino Fundamental	00	10
Total	68	93

Fonte: Coordenação Geral de Recursos Humanos (CGRH) – IFRS – Campus Sertão (Nov. 2010)

3.1.3 O Curso Técnico em Agropecuária

QUADRO 1: Unidade Escolar

CNPJ	106379260004-99	
Razão Social:	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS - Campus Sertão	
Nome de Fantasia:	Campus Sertão	
Esfera Administrativa:	Federal	
Endereço (Rua, No):	Engº Luiz Englert, S/N – Cx. P. 21	
Cidade/UF/CEP:	Sertão – RS	CEP: 99170-000
Telefone/Fax:	(54) 3345-8000	Fax: (54) 3345-8004
E-mail de contato	comunicacao@sertao.ifrs.edu.br	
Site da unidade	<u>www.sertao.ifrs.edu.br</u>	
Área do Plano	AGROPECUÁRIA	

TABELA 2: Habilitação, Qualificações e Especificações

Habilitação, qualificações e especializações:		
1	Habilitação:	Técnico em Agropecuária
	Carga Horária:	2400 horas
	Estágio – Horas	360 horas
1.1	Qualificação:	Infra-estrutura
	Carga Horária:	680 horas
	Estágio – Horas	0
1.2	Qualificação:	Produção Vegetal
	Carga Horária:	720 horas
	Estágio – Horas	0
1.3	Qualificação:	Produção Animal
	Carga Horária:	560 horas
	Estágio – Horas	0
1.4	Qualificação:	Produção Agroindustrial
	Carga Horária:	120 horas
	Estágio – Horas	0 horas

3.1.4 Justificativa e Objetivos do Curso

Historicamente, a EAFS hoje IFRS- Campus Sertão tem formado Técnicos em Agropecuária que participam diretamente das transformações técnicas ocorridas nas propriedades rurais, especialmente da região norte do Rio Grande do Sul, parte de Santa Catarina, Paraná e, com menor expressão, no centro-oeste e nordeste do Brasil.

Diante dos novos desafios impostos pelo desenvolvimento técnico-científico, a Escola vem se preocupando não apenas com uma formação ampla, embora ainda necessária nas propriedades regionais, mas vislumbrando a necessidade de aperfeiçoamento em diversas áreas, na busca de opções em diferentes cursos que viabilizem mudança de visão do técnico. Isso se dá com a oferta de novas formações que permitam ampliar a navegabilidade no mercado de trabalho. Nesse contexto, muitos são os

alunos que concluem o Ensino Fundamental e buscam alternativas de formação técnica a nível médio. Essa realidade é que motiva a Escola a ampliar o seu leque de atendimento na região onde está inserida, justificando a criação de um curso Técnico em Agropecuária.

Comprovadamente, uma alternativa a curto/médio prazo, que busque uma sustentabilidade mais afetiva de pequenos/médios produtores, que mantêm cerca de 80% da produção gaúcha, é a qualificação técnica da atividade produtiva que viabilize a transformação e comercialização dos produtos cultivados, agregando valor à produção agrícola, ao tempo em que contribuem para a geração de empregos, de forma direta e indireta.

Diante de tudo isso, a Escola, baseada em índices de pesquisa e calcada em sua infraestrutura, propõe como alternativa o desenvolvimento de um curso Técnico de nível médio integrado ao Ensino Médio.

Com a reestruturação do curso é oferecida a oportunidade de aperfeiçoar os conhecimentos, visando à permanência do homem rural em seu meio com melhores condições de vida.

3.1.5 Objetivos

3.1.5.1 Objetivos Gerais

- Implantar no IFRS – Campus Sertão o curso **Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio**, visando formar profissionais com habilidades técnicas e científicas, capazes de atuarem conscientes no setor agropecuário, determinando tecnologias economicamente viáveis, servindo também de fomento à atividade de transformação na região de abrangência da Escola, além de buscar atender as expectativas de seus alunos e da comunidade em geral.
- Formar profissionais Técnicos em Agricultura e Zootecnia, com conhecimentos teóricos e práticos, conscientes e comprometidos com a

preservação do meio ambiente, numa perspectiva de desenvolvimento rural e urbano sustentável.

- Contribuir, através da oferta do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, para a permanência do homem no campo e para a melhoria da qualidade de vida dos mesmos, utilizando o potencial econômico da região.

3.1.5.2 Objetivos Específicos

- Desenvolver as habilidades necessárias ao perfil do Técnico Agropecuária, através da integração teoria e prática nos processos que envolvem, desde a pesquisa de mercado até a comercialização.
- Formar profissionais capazes de produzir produtos com qualidade, dentro dos padrões estabelecidos, em condições de competir no mercado globalizado;
- Atuar como agente de incentivo à melhoria da qualidade da vida no campo;
- Colaborar na diminuição das perdas de produtos agropecuários, através de métodos e técnicas adequadas planejadas;
- Cumprir a função social da Escola, colaborando com a melhoria das condições de vida no campo, com a diminuição do êxodo rural, através de novas alternativas aos pequenos e médios produtores;
- Oportunizar uma formação profissional com alternativa de trabalho a alunos oriundos do meio rural;
- Maximizar a utilização dos recursos físicos e humanos do IFRS- Campus Sertão.

3.1.6 Perfil profissional de conclusão dos egressos do curso

3.1.6.1 Perfil profissional da habilitação

- Conhecer os parâmetros técnicos e legais e toda e qualquer atividade agrícola;
- Ser um profissional empreendedor e transformador do setor primário;
- Prestar assistência técnica em órgãos públicos, cooperativas, comunidades rurais e/ou congêneres, propriedades rurais e outros;
- Exercer liderança na sua comunidade;
- Atuar como elemento de transformação da realidade social onde estiver inserido;
- Conceber e desenvolver técnicas agrícolas;
- Planejar, gerir, controlar e executar atividades técnico-científicas na área agrícola.

3.1.7 Aspectos específicos da habilitação

- Estudar as vocações produtivas regionais;
- Elaborar projetos;
- Montar e monitorar estruturas administrativas;
- Elaborar planos de exploração das propriedades;
- Monitorar processos de comercialização;
- Monitorar, controlar e avaliar os processos produtivos;
- Obter capacidade de uso e manejo do solo;
- Estudar os fatores climáticos e sua relação com as plantas;
- Identificar e compreender o crescimento e desenvolvimento da planta;
- Conhecer o sistema de propagação e plantio;
- Avaliar e executar manejo de pragas, doenças e plantas daninhas;
- Elaborar planos de colheita e pós-colheita;

- Obter noções de informática;
- Planejar, organizar e monitorar a aquisição da matéria prima, elaborar produtos e conservação e armazenamento dos mesmos;
- Elaborar e aplicar controles sanitários na produção agro-industrial;
- Implantar controle de qualidade na produção agro-industrial;
- Planejar e monitorar programas de nutrição e manejo alimentar;
- Planejar, orientar e monitorar o uso adequado de máquinas, implementos e ferramentas agrícolas;
- Planejar, orientar e monitorar o uso de sistemas de irrigação e drenagem;
- Planejar montagem e monitoramento da estrutura administrativa do empreendimento;
- Analisar, identificar, caracterizar e orientar o processo de criação de pequenos, médios e grandes animais.

3.2 Definição da População

A população pesquisada foram os alunos egressos do IFRS- Campus Sertão, do curso Técnico em Agropecuária residentes em municípios do Rio Grande do Sul, principalmente na região norte do estado, onde está localizado o estabelecimento de ensino.

Inicialmente foi realizada uma pesquisa quantitativa para avaliar o número de egressos envolvidos com o empreendedorismo rural para depois usar uma abordagem qualitativa para investigar os egressos que estão atuando nesta área, optando pelo estudo de caso.

A população escolhida para a pesquisa qualitativa foram os alunos egressos que estão envolvidos diretamente com o empreendedorismo rural, seja como proprietários, parceiros ou sócios de empreendimentos.

Na escolha dos alunos egressos empreendedores, levou-se em consideração as empresas que estão ligadas com a atividade agropecuária. As empresas selecionadas foram:

a) Empresa (E1). Empresa familiar, que teve sua origem com os avós do egresso, localizada no interior do município de Quatro Irmãos RS. A empresa atua na exploração agropecuária, conta a participação de seis pessoas da família, sendo considerada uma grande empresa rural, tendo em vista que explora uma área superior a 300 ha.

b) Empresa (E2). Empresa que teve origem com os pais do egresso, localizada no interior do município de Sertão- RS. A empresa atua na produção de máquinas agrícolas para produção de silagem e também na exploração agropecuária, conta com a participação de dois irmãos egressos do IFRS – Campus Sertão e mais 20 funcionários.

c) Empresa (E3). Empresa que teve origem com os pais do egresso, localizada no interior do município de Estação- RS. A empresa atua na produção de hortigranjeiros e mudas de hortaliças, conta com a participação de dois egressos do IFRS – Sertão e mais 10 funcionários.

d) Empresa (E4). Empresa que foi criada pelo egresso do IFRS – Campus Sertão, tendo como sede o município de Tapejara- RS e atua em outros municípios da região. A empresa atua no ramo de agricultura de precisão, com distribuição de fertilizantes nas lavouras e produção de sementes de soja, conta com a participação do egresso e mais 15 funcionários.

e) Empresa (E5). Empresa criada pelo egresso do IFRS– Campus Sertão, localizada no município de Getúlio Vargas- RS. A empresa atua no ramo da agropecuária, tendo também um silo de recebimento de grãos e venda de produtos para agropecuária, conta com a participação de 6 familiares e mais 8 funcionários.

f) Empresa (E6). Empresa criada pelo egresso do IFRS – Campus Sertão, localizada no município de Camargo- RS. A empresa atua no ramo da agropecuária, conta com a participação de mais quatro pessoas da família.

g) Empresa (E7). Empresa criada pelo egresso do IFRS –Campus Sertão, localizada no município de Ipiranga do Sul- RS. Empresa atua no ramo da agropecuária tendo como principal atividade a exploração de gado leiteiro e conta com a participação de 8 pessoas da família.

h) Empresa (E8). Empresa criada pelos pais do egresso do IFRS- Campus Sertão, localizada no município de Erechim- RS. A empresa atua na produção de uvas e industrialização de vinho e conta com a participação do egresso, os pais e 05 funcionários.

i) Empresa (E9). Empresa criada pelos pais do egresso do IFRS- Campus Sertão, localizada no município de Passo Fundo- RS. A empresa atua na produção de suínos e tem a participação de familiares e de 04 funcionários.

j) Empresa (E10). Empresa criada pelo egresso do IFRS- Campus Sertão, localizada no município de Gaurama- RS. A empresa atua na produção e industrialização de frutas e tem participação de familiares e 02 funcionários.

3.3 Plano Amostral

Unidades de Amostragem: Alunos egressos do IFRS – Campus Sertão, formados entre 2005 e 2008. Como se formam uma média anual de 125 alunos, temos uma amostra total de 500 pessoas. A forma de seleção dos elementos da população inicialmente foi a identificação dos municípios que possuem egressos, através do levantamento prévio da quantidade e dos nomes. Após foi realizado um sorteio aleatório simples escolhendo dois alunos por município, até um total de 50 pessoas que representa 10 % do total para o levantamento quantitativo, localizando os envolvidos com o tema em estudo. Porém foi necessário aumentar este número para 100 egressos para encontrar o número de alunos envolvidos com o empreendedorismo rural, passando para 20% do total.

Depois de localizados os alunos que estão envolvidos com o empreendedorismo rural, foram selecionados por sorteio aleatório simples 10 alunos para a pesquisa qualitativa.

3.4 Levantamento de Dados

Como asseveram Bosma e Levie (2010) (apud machado, 2010), diferentes opiniões e diferentes definições sobre empreendedorismo podem ser observadas na literatura acadêmica, em documentos políticos e na mídia. O modelo GEM aceita a natureza multifacetada do empreendedorismo. Ele reconhece que uma série de condições ambientais

afeta três componentes principais do empreendedorismo: atitudes, atividades e aspirações, e que essa combinação dinâmica produz uma nova atividade, econômica e socialmente importante, gerando empregos e riqueza.

De acordo com a metodologia GEM, atitudes empreendedoras são atitudes manifestadas na forma de opiniões e percepções que a sociedade desenvolve face a este fenômeno sociocultural e econômico que é o empreendedorismo. Como esta atividade pode assumir muitas formas, inicialmente é importante saber a quantidade de pessoas que estão criando novos negócios ou dão continuidades aos já existentes. É importante também analisar a atividade econômica explorada, quantidade de sócios fundadores o perfil jurídico do empreendimento, além de aspectos demográficos relativos ao indivíduo empreendedor, como gênero, idade e escolaridade.

Segundo machado (2010), a aspiração empreendedora reflete a natureza qualitativa do empreendedorismo, uma vez que os entrevistados, ao tratarem desse aspecto, manifestam suas intenções para com o empreendedorismo que possuem ou estão criando. Não representam, portanto, um dado real, passível de verificação *in loco*. São afirmações que, muitas vezes, remetem a um tempo futuro e indicam uma avaliação subjetiva por parte do empreendedor entrevistado.

Inicialmente usando a técnica quantitativa, foi empregada a estratégia de investigação através de levantamento e coleta de dados, instrumentos predeterminados que geram dados estatísticos.

Inicialmente entrou-se em contato com os 100 egressos selecionados por meio de telefone, internet e pessoalmente para identificar quem estava atuando como empreendedor.

Num segundo momento usando a técnica qualitativa, onde para a coleta de dados foi utilizada a entrevista, sendo esta considerada fundamental para o desenvolvimento das ciências sociais.

Segundo Ludke e André (1986, p.34), “a vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”.

Hoffnagel (2002 p. 181), considera a entrevista como uma prática de linguagem altamente padronizada, que implica expectativas normativas específicas da parte dos interlocutores, como num jogo de papéis: o entrevistador abre e fecha a entrevista, faz

perguntas, suscita a palavra do outro, incita a transmissão de informações, introduz novos assuntos, orienta e re-orienta a interação; o entrevistado, uma vez que aceita a situação é obrigado a responder e fornecer as informações pedidas.

Segundo Creswell (2007, p-35), uma técnica qualitativa é aquela em que o investigador sempre faz alegações de conhecimento com base principalmente ou em perspectivas construtivas ou em perspectivas reivindicatórias/participatórias ou em ambas.

A entrevista é um importante meio de conhecer o que a pessoa entrevistada pensa sobre determinado assunto ou de obter informações sobre a área em que ela atua.

As entrevistas com os egressos foram feitas em seus locais de trabalho e em suas residências.

Para se saber claramente as informações desejadas do entrevistado foi interessante organizar algumas perguntas básicas: O quê? Quem? Onde? Quando? Como? Por quê? bem como o questionário para entrevista.

Também foi importante:

- Marcar o encontro com antecedência.
- Informar ao entrevistado qual o tema e a finalidade da entrevista.
- Preparar o material necessário: caderno e caneta para as anotações (ou um gravador, caso o entrevistado aceite).

Foi usada uma entrevista semi-estruturada, que se caracteriza por ter um roteiro previamente preparado para servir de eixo orientador, dando ao pesquisador uma participação ativa e, embora tendo um itinerário, pode elaborar perguntas adicionais para melhor compreender o contexto.

As entrevistas foram anotadas e também gravadas com a autorização das pessoas, para que não se perdesse nenhuma informação.

Ao final da entrevista, foi disponibilizado ao entrevistado um resumo do que foi conversado para que ele pudesse fazer alguma correção necessária.

Os nomes dos entrevistados foram mantidos no anonimato, sendo utilizados os códigos E1 a D10 para as empresas.

As entrevistas aconteceram a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo ao entrevistador fazer as adaptações necessárias. Ou seja, apresenta um certo grau de estruturação e guia através de pontos que irão explorar o conhecimento do entrevistado sobre o tema abordado.

Ao final das entrevistas dispôs-se de dados fundamentais que sendo carregados de poder explicativo permitiram as análises, mesmo não se tratando de dados detalhados.

Em seguida foi feita a análise dos dados coletados, transcrição da entrevista e análise das demais informações e documentos.

O questionário pré-estruturado, usado na entrevista sofreu adaptações durante a sua aplicação e encontra-se em anexo neste trabalho.

4 A Inserção do Egresso do IFRS– Campus Sertão no Empreendedorismo Rural

A educação empreendedora no ensino médio é o nível determinante para desenvolver o potencial empreendedor do jovem. É nele que tomarão forma própria o processo de identificação e de aquisição de modos de aprendizagem. Trata-se de tornar acessível ao jovem capacidade para desenvolver um plano de negócios, que conheça o ambiente dos criadores, dos empreendedores.

Apresentamos o módulo de Infra - estrutura, juntamente com as disciplinas e seus respectivos conteúdos para demonstrar que o IFRS- Campus Sertão não oferece em seu currículo a disciplina de empreendedorismo rural, embora no perfil profissional da habilitação seja citado. Em algumas disciplinas os conteúdos programáticos são direcionados para o tema em estudo. (Anexo 3)

Conforme os dados da pesquisa de egressos 2008, os alunos do campus Sertão são de diversas regiões do Estado do Rio Grande do Sul, sendo a maioria da região norte do Estado. Também tem alunos vindos de outros estados, como Santa Catarina, Paraná e outros. Tendo também vários alunos vindos de outros países como é o caso do Paraguai e Uruguai.

A economia das regiões de origem dos alunos é muito diversificada indo do arroz irrigado, cultura da soja, pecuária de leite, avicultura, suíno, agricultura orgânica, etc. Bem como as propriedades são pequenas, media e grandes, diferenciando também quanto ao padrão de vida destas pessoas.

É importante motivá-lo a adquirir uma atitude de busca, senso crítico, de interesse por tudo aquilo que o cerca, permitindo que identifique oportunidades, avalie e as coloque em prática para que possa ser condutor de seu próprio destino.

E Dolabela (1999) justifica por que o ensino de empreendedorismo?

Razão 1 – A alta taxa de mortalidade infantil. No mundo das empresas emergentes, a regra é falir, e não ter sucesso. De cada três empresas criadas, duas fecham as portas. As pequenas empresas (menos de 100 empregados) fecham: 99% das falências são de empresas pequenas. Se alguns têm sucesso sem qualquer suporte, a maioria fracassa, muitas vezes desnecessariamente. A criação de empresas é um problema de crescimento econômico.

Razão 2 – Neste final de século, as relações de trabalho estão mudando. O emprego dá lugar a novas formas de participação. Na verdade as empresas precisam de profissionais que tenham uma visão global do processo, que saibam identificar e satisfazer as necessidades do cliente. A tradição do nosso ensino, de formar empregados nos níveis universitários e profissionalizantes, não é mais compatível com a organização de economia mundial.

Razão 3 – Exige-se hoje, mesmo para aqueles que vão ser empregados, um alto grau de “Empreendedorismo”. As empresas precisam de colaboradores que, além de dominar a tecnologia, conheçam também o negócio, saibam articular e atender as necessidades do cliente, possam identificar oportunidades, e mais: buscar e gerenciar os recursos para viabilizá-las.

Razão 4 – A metodologia e ensino tradicional não são adequados para formar empreendedores.

Razão 5 – As nossas instituições de ensino estão distanciadas dos “sistemas de suporte”, ou seja, das empresas, dos órgãos governamentais, dos financiadores, das associações de classe, entidades das quais os pequenos empreendedores dependem para sobreviver. As relações entre universidade e empresa ainda são incipientes no Brasil.

Razão 6 – Cultura. Os valores do nosso ensino não sinalizam para o Empreendedorismo.

Razão 7 – A percepção da importância da PME (Pequena e Média Empresa) para o desenvolvimento econômico ainda é insuficiente.

Razão 8 – Predomina, no ensino profissionalizante e universitário, a cultura da “grande empresa”. Não há o hábito de se falar na pequena empresa. Os cursos de Administração, com raras exceções, são voltados quase exclusivamente para o gerenciamento de grandes empresas.

Razão 9 – Ética. Uma grande preocupação no ensino do Empreendedorismo devem ser os aspectos éticos que envolvem essa atividade. Por sua grande influência na sociedade e na economia, é fundamental que os empreendedores – como qualquer cidadão – sejam guiados por princípios e valores nobres.

Razão 10 – Cidadania. O empreendedor deve ser alguém com alto comprometimento com o meio ambiente e com a comunidade, com a forte consciência social. A sala de aula é um excelente lugar para o debate desses temas.

Um novo enfoque do empreendedorismo através da inserção de mecanismos e procedimentos pedagógicos que estimulem o desenvolvimento de competências e habilidades, básicas e empreendedoras, requer uma nova leitura do educador, destacando a necessidade de aproximar cada vez mais o ensino tecnológico à realidade de mercado, formando profissionais ajustados à nova ordem econômica mundial.

O novo modelo educacional, cujo foco está na construção de competências e habilidades, tem como objetivo o processo de aprendizagem, no qual o “aprender a aprender” e o “aprender a fazer” estejam sempre presentes, o que remete a uma lógica de formação de conduta, de atitudes e crenças.

Com essa abordagem educacional espera-se contribuir para que os alunos formados hoje sejam muito mais autônomos e mais criativos que os formados no passado. Certamente muitos criarão suas empresas ou serão trabalhadores autônomos.

De certo modo, nós, educadores temos que formar os jovens da sociedade futura, como se eles fossem todos se assumirem por si mesmos; como se todos fossem se tornar empreendedores.

E como cita Fillion (1987)

Um empreendedor é uma pessoa imaginativa, caracterizada pela capacidade de fixar metas para si e alcançá-las. Ele manifesta perspicácia para detectar oportunidades e aprende com este tema, tomando decisões relativamente moderadas, mas sempre com o objetivo de inovar.

Na medida em que o educador entende e vivencia a conduta empreendedora, seja com o contato direto com empreendedores, seja pelo estudo de empreendimento, seja pela leitura de testemunhos e de vida de empreendedores ele começa mudar sua lógica.

4.1 A Visão dos Egressos do IFRS- Campus Sertão Que Estão Atuando Como Empreendedores Rurais

As dez empresas que fizeram parte desta pesquisa atuam nos municípios localizados na região do IFRS- Campus Sertão, e para mantê-las no anonimato, nominamos as mesmas de E1 até E10. Para abordar os resultados do trabalho, iremos seguir os tópicos da entrevista.

Ao iniciar a entrevista com os egressos podia-se perceber um certo grau de satisfação com o seu trabalho e dos dez entrevistados todos demonstravam muita motivação. Responderam as perguntas e se colocaram a disposição, contribuindo para a realização deste trabalho.

Origem

Falando sobre suas origens a maior parte dos egressos citam que têm em suas famílias alguns empreendedores, como tios primos e outros graus de parentesco atuando neste ramo de atividade. Também foi destacado que no início dos empreendimentos estes familiares eram pessoas humildes e com pouco capital inicial, como colocam esses egressos:

Existem sim, meus tios por parte do meu pai todos são empresários [...] (E2).

Tenho como modelo uma tia, que começou sem nada, e com muita dedicação e trabalho tem obtido sucesso em sua empresa [...] (E4).

Também foi citado que a grande maioria das famílias tem origem agrícola, sou filho neto e bisneto de pequenos agricultores. Tanto meus avós paternos quanto maternos todos nasceram e cresceram no interior.

Os ramos de atuação dos familiares mencionados como empresários também são na área de Empreendedorismo Rural.

Com relação mais específica a atividades dos pais todos afirmaram que estes atuam na atividade agropecuária e um ainda exerce um cargo de vereador. Também foi colocado pela maioria a contribuição dos pais em sua formação para o êxito em sua vida profissional.

Em relação a sua formação, apenas três egressos deram continuidade aos estudos, os demais pararam seus estudos para dedicar-se exclusivamente a suas empresas. Um egresso já concluiu o curso superior de Tecnólogo em Gestão Ambiental formado na Universidade Norte do Paraná, em um sistema de educação à distância.

Um colocou que ingressou no ensino fundamental na rede pública em seu município, após concluir foi estudar em um Seminário, lá percebeu que não era aquela a sua vocação, daí então por indicação de seu irmão e hoje sócio seu, fez o exame de seleção no IFRS- Campus Sertão, onde passei a estudar. Neste mesmo ano meu irmão mais velho, iniciou nossa empresa, a qual passei a ser sócio.

Quando questionados sobre sua condição como aluno, apenas dois responderam que gostavam de estudar e sempre buscavam obter o máximo de conhecimento possível, sendo que os demais colocaram que não eram muito interessados e que buscavam o necessário para aprovação. Nunca fui um aluno muito aplicado em estudar, e com o passar dos anos a vontade ainda diminuía, mas sempre tive facilidade nas disciplinas que exigiam cálculo e raciocínio.

E um entrevistado cita:

Me considero que fui um bom aluno sim, pois, nos três anos que passei lá na escola sempre busquei adquirir o máximo de conhecimento que era oferecido, sendo que o método em que eu aprendo mais é na prática[...] (E5).

Ainda que as aulas práticas são de grande importância para assimilar os conteúdos vistos, pois aprender fazendo é mais fácil.

Neste momento da entrevista também foi sugerido que o instituto deve dar mais importância para a área do empreendedorismo rural, oferecer disciplinas nos cursos, e, também cursos para que mais alunos despertem para esta área de atuação. Embora alguns professores mencionam em suas disciplinas as possíveis alternativas que este setor oferece.

Conceito de Si

Quanto a um auto-conceito de sua pessoa, varias foram as características citadas, porem umas estiveram presente na fala de todos: Pessoa dedicada ao trabalho, ser criativo, planejar as atividades. Além destas foram citadas mais características tais como: Me vejo como uma pessoa alegre, divertida, amiga, com personalidade, pois estou sempre buscando crescer mais, acompanho palestras e inclusive estou fazendo um curso para entender mais as pessoas, e um empreendedor fala:

Sou uma pessoa tranqüila e objetiva, sempre traço uma linha de objetivos a serem alcançados com muito planejamento, afinal ninguém vai a lugar nenhum se não sabe para onde quer ir, assim depois traçar uma meta vou a busca do resultado que desejo e luto com todas as forças para conseguir alcançá-los e nunca desisto antes de ter o resultado que desejo ou pelo menos não desisto facilmente[...] (E10).

O diferencial em tudo é ética. Na empresa, nas amizades, nas relações com clientes e fornecedores e até na família. A gente nunca pode esquecer que nossas ações e palavras estão sempre sendo direcionadas a outras pessoas como nós. Sempre é interessante nos colocarmos na situação dos outros, sejam eles funcionários, fornecedores, clientes, sócios, pais, irmãos ou qualquer pessoa. Acredito muito naquela história “não faça para os outros o que não desejás para si.”

Quando questionados para opinarem sobre as suas características mais importantes para a sua empresa foi citado que é importante ser uma pessoa confiável, honesta e que tenha um bom relacionamento com os outros, que saiba ouvir, mas que tenha seu ponto de

vista, enfim uma pessoa com atitude. Também foi citado o respeito, dedicação e criatividade. O planejamento e a objetividade na busca de resultados.

Que toda pessoa deve ser valorizada pelas suas ações, individualmente. Um colega de trabalho que se destaca por rendimento, espontaneidade, responsabilidade, sempre deve ser valorizado. Esta retribuição pode ser com mais oportunidades profissionais e em salário também. Toda negociação tem que ser boa para ambos os envolvidos, quando um funcionário rende mais para a empresa ele vai ganhar mais, da mesma forma que o meu produto vai apresentar um rendimento satisfatório.

Quanto ao surgimento da idéia de ser empreendedor, varias foram as iniciativas, tais como: Trabalhando como empregado em uma empresa e após dois anos recebi o convite para ser sócio da mesma. Trabalhamos algum tempo e após muitas reuniões e debates montamos uma nova empresa, e também foi citado que:

Logo depois do estágio, vendo que eu tinha condições de tocar um negócio, sendo este muito mais lucrativo de que simplesmente trabalhar para terceiros, tendo percebido uma oportunidade dei inicio ao empreendimento e passei a ter bons rendimentos financeiros, com a vantagem de não ser mais empregado [...] (E9).

Teve o caso em que a idéia surgiu de seu irmão, o qual também é egresso, que inventou um produto e chamou para sermos sócios, conforme a fala:

Tudo começou há onze anos atrás, meu irmão mais velho, criou uma máquina para uso nosso em nossa propriedade, no início não funcionava muito bem, então foram feitas várias alterações até que trabalhou tão bem que passou a produzir para vender, no começo vendemos algumas por aqui mesmo, nos municípios vizinhos. Em seguida surgiu a oportunidade de parceria com uma empresa grande de São Paulo. Fizemos contrato de exclusividade com eles, mas em seguida eles abriram concordata, então não pagaram mais, todo nosso capital de giro e muito mais estava nas mãos deles, isto representou quase falência para nós. Passamos a buscar recursos fora. As coisas começaram a melhoraram, passamos a vender direto com a nossa marca e conseguimos superar a crise hoje estamos muito bem [...] (E3).

Os demais disseram que se tornaram empreendedores para dar continuidade ao trabalho dos pais. Alguns citaram que para esta continuidade ter êxito e se tornar competitiva houve a necessidade de muita inovação nos empreendimentos. Eles citaram que foi necessário fazer um planejamento a curto e longo prazo, estudo de mercado, qualificação de mão de obra e um controle nos custos de produção.

Quanto a fase inicial das empresas os que iniciaram comentaram que tudo começou com muito sacrifício, pouco capital de giro para investir, as dificuldades com os aspectos legais, busca de mercado e problemas. Porém dizem que sempre estavam confiantes acreditando que iria dar certo.

Teve caso que a empresa teve origem com os avós do egresso e outras com os pais e nestes casos mesmo já existindo ela não tinha metas definidas e nem planejamento. E um coloca que com seu conhecimento adquirido em sua formação no IFRS- Campus Sertão é que a empresa conseguiu seguir em frente com êxito.

Quando foi perguntado se tinha pensado por muito tempo antes de começar o negócio todos disseram que sim. Alguns salientaram: pensei por muito tempo, mas achava que não iria conseguir tão logo assim, acredito que pelo esforço as coisas ficaram mais fáceis. Outros citam que primeiro houve um planejamento e depois de constatado que o negócio iria dar certo, foi colocado em prática. Também houve os casos em que as empresas eram familiares e o egresso tinha grandes preocupações nas inovações que seriam necessárias para o sucesso do negócio.

Em relação à intenção de abrir um negócio como opção de vida todos os pesquisados colocam que tinham esta meta a qual foi cada vez mais se intensificando. Alguns citaram como dificuldade a falta de capital inicial, o que talvez pudesse inviabilizar o negócio, mas dificuldade esta que foi superada. Também foi citado que com a formação agropecuária as dificuldades seriam superadas, dando condições para implantação do empreendimento. Também teve os casos em que dar continuidade aos negócios da família tornou-se uma ótima opção de vida.

Nos primeiros tempos como empreendedores todos destacam grandes dificuldades enfrentadas e citam que foi muito difícil pouco dinheiro, não conheciam fornecedores, conseguir a confiança dos clientes, enfim um trabalho árduo. Alguns comentavam que Começavam trabalhar as 7:00 horas da manhã e iam até tarde da noite, mas que valeu o

esforço. Também foi dito que inicialmente sempre se encontram problemas, apesar do conhecimento adquirido no curso técnico, mas quando nos deparamos com a prática varias coisas devem ser adaptadas para resolver certos problemas. Mas que a partir de um bom planejamento tudo passa a transcorrer normalmente.

O Trabalho Como Empreendedor

Na identificação da oportunidade do trabalho como empreendedor foi dito que esta deve ser estudada se é mesmo aquilo que se quer, e se for é preciso agarra-lá e lutar com todas as forças para dar certo. Foi apresentado um exemplo que através da análise de dados de safras passadas, histórico de preços médios, custo de produção e a projeção de um futuro mercado consumidor, pode-se constatar uma alternativa para um empreendimento de sucesso. O bom observador não deixa fugir uma boa oportunidade, e cita um egresso:

Hoje em dia oportunidade de você crescer e ganhar dinheiro como empresa existe, mas é bastante complicado. É necessário ter produtos bons, com qualidade, que vai trazer rentabilidade ao cliente e de preferência sem muita concorrência no mercado, sendo assim um produto inovador. A maioria das oportunidades, estão nas brechas deixadas pelos outros, e cabe a cada um intensificar esses espaços e ocupá-los, por exemplo, um produto em falta ou que tem no mercado não é acessível a maioria [...] (E4).

Analisando os métodos de aprendizagem no dia-dia dos egressos empreendedores em sua maioria eles destacam que a maior parte se aprende fazendo, na prática, e que a curiosidade ajuda bastante. Através do dia-dia enfrentando e resolvendo na prática os problemas, com isto é possível armazenar cada vez mais conhecimento. Também buscando em outras pessoas e empresas métodos corretos para seguir.

Melhor forma de aprendizado é a convivência com pessoas e realidades diferentes, alguns tem experiência em ramo de atividade, outros em outra coisa, sempre tem algo de novo a agregar.

E na solução dos problemas pode se constatar que o planejamento ajuda evitar que eles aconteçam em grande número, mas quando eles surgem tentamos resolve-los de cabeça fria, nunca no impulso, pois acredito que pensando com mais tempo as soluções são

melhores. Também encarar os problemas, buscando a solução mais fácil, sem prejuízo para o negócio. A solução dos problemas está na persistência, naquilo que tem lógica. Problemas todos têm e com o crescer da empresa, a tendência em relação aos problemas é só aumentar, mas tudo é superável.

Em relação ao fracasso, o melhor é prevenir para que não aconteça, mas quando surge, o melhor é levantar a cabeça e trabalhar ainda mais para recuperar o atraso causado. É importante também tirar do fracasso experiência para que jamais se repita. O fracasso nada mais é do que um aprendizado para nunca mais cometer os mesmos erros, nunca desanimando e sim se fortalecendo cada vez mais. Muitas vezes acontecem certas coisas que aparentam ser o pior, mas depois de algum tempo percebe-se que esta situação acaba trazendo algo para seu próprio crescimento. Fracasso de alguns projetos, como um novo produto que a gente cria o protótipo, mas não consegue por no mercado por falta de custo competitivo ou mesmo inviabilidade de produção isto é normal para toda empresa.

Sobre a função desempenhada na empresa todos os egressos estão atuando na parte administrativa. As funções são o gerenciamento tanto financeiro como de pessoal, também envolvendo outros setores dependendo da empresa. E todos citaram como sendo a parte principal na administração da empresa o planejamento.

Alguns citaram a parte administrativa como sendo o centro das atenções, por ser uma parte bastante sensível, sendo importante concentrar as atenções para este setor. Já nas empresas de menor porte foi dito que todos os setores requerem atenção especial. Também foi citado sobre a importância que tem a parte de relações humanas, tanto com os funcionários como com os clientes. Também juntamente com os demais sócios, existe a participação no desenvolvimento de novos projetos, que é uma das coisas mais importantes para a empresa continuar crescendo. E as funções desempenhadas conforme a fala:

Dentro da empresa desempenho o papel de gerente de produção, de compras, controle de estoque e recursos humanos também. Como é uma empresa de pequeno porte temos que desenvolver várias habilidades em cada colaborador, pois ainda não há possibilidade de contratar um encarregado para cada setor [...] (E1).

Com respeito ao envolvimento na rotina com operações do dia-dia foi destacado sobre a importância de acompanhar ao máximo possível para saber o que esta acontecendo.

Isso permite a interferência quando necessário para corrigir possíveis erros. Também permite acompanhar e verificar se as atividades estão acontecendo como o planejado. Concentrar os esforços na linha de produção, buscando alternativas para baixar custos, otimizar a produção para produzir mais, melhor e mais rápido possível.

Quanto ao grupo de trabalho e funcionários foi citado por alguns que sempre é necessário manter o esforço para manter o grupo unido onde todos tenham o mesmo objetivo. Também a importância de orientar as pessoas de forma que entendam o que estão fazendo e qual o objetivo a ser alcançado. Quanto ao número de pessoas varia bastante.

Quanto a parceiros nos empreendimentos foi citado o suporte prestado por outras pessoas ou empresas em alguns setores principalmente legislação. Também foram mencionados os membros da família por alguns dos entrevistados.

Poucos têm secretárias em suas empresas, mas acham importante o trabalho exercido nesta função, pois auxilia nas tarefas sobrando mais tempo para as atividades principais.

Em relação às informações sobre o que acontece dentro da empresa é importante acompanhar as atividades do dia a dia. Através da informatização facilita este trabalho, principalmente acompanhar a parte financeira e comercial. As reuniões também são muito importantes, e elas devem acontecer quase que diariamente, mesmo que seja de curta duração, e um empreendedor cita:

O que acontece dentro da empresa passa tudo sob meus olhos na parte financeira e comercial. Tudo chega a mim por meio de reuniões não formais, aquelas que paramos, sentamos para esclarecer algumas dúvidas, isto acontece na maioria das vezes todos os dias, ou pelo menos uma vez por semana, mas nunca tem hora e data para acontecer, muitas vezes é feito até por telefone. As grandes decisões nunca são tomadas sem o bom senso dos demais sócios, muitas são discutidas e rediscutidas muitas vezes antes de escolher o caminho certo [...] (E2).

No que diz respeito à tecnologia do produto pode que ele representa muito na empresa. Da mesma forma com que o produto tem que levar tecnologia até a propriedade do cliente, também tenho que trazer tecnologia para dentro da minha linha de produção, com inovações que possuam capacidade de produzir mais com menor custo operacional.

Quem também faz o sucesso da empresa são as pessoas que nela trabalham, principalmente quando encontramos concorrentes no mercado com produtos similares.

Energia

Na rotina de trabalho todos afirmaram que o compromisso é grande e não se preocupam com a jornada, sendo que alguns cumprem até dez horas por dia de trabalho. Quando necessário trabalham sábados e domingos para vencer as tarefas. Não se tem horário de trabalho definido, trabalhamos nos sábados, domingos e feriados quando necessário. E em épocas de maior fluxo chegamos a trabalhar até quatorze horas por dia.

Já quanto às férias, alguns consideram necessário, pois é uma maneira de recuperar as energias, por a cabeça no lugar para dar uma repensada naquilo que estou fazendo na empresa: táticas, planos e conquistas. Enquanto outros preferem tirar apenas alguns dias de folga.

E falando sobre a aposentadoria, como todos são ainda jovens não tem esta preocupação. Alguns citaram que tem como objetivo acompanhar o tempo máximo possível o andamento de seu empreendimento.

Relações

Quando os egressos foram questionados sobre a importância que dão para as relações internas e externas na empresa foi citado que ambas tem muita importância. Se internamente não estiver bem à empresa nunca evolui e que acontece também com a relação externa. Sempre é interessante ter uma relação aberta com os colaboradores para que eles consigam se expor, esclarecer suas dúvidas, saberem de nossas perspectivas com respeito ao futuro. Assim eles nunca se sentirão sendo explorados e passam a serem de fato parte da empresa como um todo, numa convivência onde todos possam crescer mutuamente tanto socialmente como economicamente.

E sobre os contatos externos mais importantes foi salientado que os fornecedores, clientes, e pessoas de influência formam um conjunto que merecem um tratamento especial. A base da evolução se dá através de boas relações externas.

Com fornecedores já se torna um pouco mais restrito, para com estes não é necessário ser tão aberto, mas sempre é importante mantê-los por perto, pois nunca se sabe de qual deles é que vamos precisar.

Já os clientes estão sobre tudo, não há como falar em crescimento sem aumentar o número de clientes, o melhor marketing é cliente contente, muitas vezes insistem em coisas absurdas e mesmo assim temos que dar-lhes atenção, convencendo-os de uma forma amigável de que a razão está com a empresa.

Nos dias de hoje é difícil ajudar as pessoas a realizarem seus sonhos, mas é possível incentivar elas a buscarem seus ideais, lutando e querendo alcançar. Através da motivação obtêm-se melhores resultados.

Liderança

Quando questionado em relação ao sonho com o empreendedorismo um egresso falou:

O meu sonho sou eu que corro atrás, cada indivíduo tem que buscar seus objetivos, que muitas vezes estão ligados a projetos de outras pessoas, isto quer dizer uma forma de parceria onde todos ganham dentro do seu espaço desencadeando suas funções numa cadeia de produção [...] (E8).

A respeito do perfil de liderança do egresso em sua empresa foi relatado que cabe a quem está na frente de uma turma demonstrar a escolha que cada um pode tomar, o que pode fazer, o que deve fazer, até onde a decisão pode ser tomada por ele ou pelo seu superior. Sempre esclarecer o porquê das diferenças salariais dentro do mesmo setor, mostrando que não há limites para crescimento, que sempre devemos buscar mais. Pois a partir do momento em que passamos a render mais para a empresa, a empresa pode render mais para nós também. E podemos ver algumas opiniões na fala dos empreendedores:

Não há nada de muito diferente, só procuro praticar aquele dizer: “os elogios são para todos ouvirem, mas as críticas só cabem aos envolvidos”. Para tentar fazer do local de trabalho, para todos um lugar bom que se sintam a vontade, com perspectivas, esperanças, sendo valorizados, mas cobrados para seu próprio bem [...] (5).

Mas os esforços devem ser direcionados para o bem comum, para o crescimento da empresa juntamente com seus envolvidos (funcionários, sócios, clientes e fornecedores). Muita coisa mudou em nós desde o começo, pois não tínhamos praticamente experiência nenhuma nesse ramo, fomos crescendo e aprendendo e mesmo hoje ainda temos muito a evoluir. Tudo é muito diferente para quem vê uma empresa de fora. O custo de produção é muito alto, e funcionário descontente é melhor nem ter, pois, em um único dia ele pode dar um prejuízo que nem um ano de trabalho dele seria capaz de pagar, por isso é melhor comandar num regime de parcerias do que de obrigações, onde fica bem claro que os dois lados têm que estarem satisfeitos [...] (E1).

Não acredito que o poder traz comando, todo homem é regido pelo seu desejo e ambição, mas sempre me sinto muito bem quando posso dar oportunidades aqueles que se esforçam que não tentam fazer o próprio nome à custa dos trabalhos dos outros, é a minha forma de se fazer justo [...] (E10).

Em sua maioria as equipes de trabalho foram desenvolvidas através de troca de idéias, conversas, convivência, experiências citadas por todos. Motivando elas a participar e formar suas próprias idéias, incentivando a ler, pesquisar e buscar novas tecnologias. Dando a cada um as tarefas nas quais se sentem mais competentes para executá-las. Sendo diferente na maneira de administrar por ser uma pessoa que conversa bastante com os funcionários, troca idéias, flexível e seriedade em tudo.

Devemos direcionar os esforços para a parte administrativa, no planejamento e organização. Desde o inicio varias coisas mudaram, isso faz parte da evolução da implantação de novas tecnologias.

Criatividade e imaginação

Errar é normal dentro de um limite, todas já erraram e com certeza ainda vão errar, mas tudo tem que ser analisado, alguns não acertam, mas se esforçam pelo menos, já

outros nem se importam com o resultado, por isso temos que saber o momento de repreender e de elogiar também.

Quando questionados sobre a alegria e o no processo de empreender pode-se ver a satisfação do egresso ao citarem o crescimento pessoal, pois cada dia estamos aprendendo algo novo e diferente e isso vem a agregar para nossa vida. Colocar as idéias em prática, fazer novas experiências. Isso também desenvolve a criatividade e:

Me sinto muito satisfeito em ver a empresa crescendo juntamente com os colaboradores, isso é muito prazeroso pois são todos que estão aprendendo, tendo oportunidades, e crescendo financeiramente também. Acredito que a criatividade está muito relacionada com o conhecimento e com as dificuldades do dia-a-dia. Não adianta se ter conhecimento e não aplicá-lo e quando você passa praticar em algo sempre vão surgir imprevistos que temos que achar saídas, formas de resolver um problema ou melhorar algo que pode ficar melhor [...] (E7).

A imaginação tem um percentual de participação no sucesso do empreendimento, porém é preciso “manter os pés no chão” para alcançar o sucesso. Uma imaginação ativa pode proporcionar idéias criativas que ajudam no rendimento da empresa. É necessário ser antes de tudo realista. Muitas vezes parece ser muito fácil produzir algo, ou por no mercado um produto diferente, mas há várias circunstâncias a serem analisadas.

Para lidar com a incerteza é importante fazer uma boa análise, trazendo a tona possíveis contratempos que com ela venham a acarretar.

A Empresa

E falando sobre o fator mais importante para o sucesso da empresa foi dito que é muito difícil dizer qual é o mais importante, há vários que influenciam como planejamento, organização, a baixa concorrência no ano, um produto inovador o esforço e empenho dos sócios e colaboradores. Investir os resultados obtidos (lucros) na constante melhoria do empreendimento.

Como as empresas pesquisadas atuam em diversos ramos, quanto as potencialidades foi citada alta produtividades, infra-estrutura, inovação, etc., e fraquezas.

Falta de tempo para clientes, dependência de fatores naturais e falta de colaboradores, e um empresário muito otimista coloca em sua fala:

Como destaque existe a produtividade por cabeça envolvida, dentre a maioria das empresas que conheço é difícil alguma que consiga um faturamento por colaborador, tão alto, quanto o da nossa, nos destacamos também por nossos prazos de entrega, raramente fugimos das metas assumidas com os clientes, se é necessário fazer horas extras para cumprir nossas entregas fizemos quantas forem necessárias. Nossas maiores fraquezas estão no setor de vendas, não temos colaboradores eficientes, estamos substituindo aos poucos esse pessoal [...] (E2).

Quanto ao critério de seleção de pessoal algumas dispõem apenas de mão-de-obra familiar, e as que contratam usam a entrevista e buscam informações sobre o empenho e esforço em seu último local de trabalho, confiabilidade que a própria sociedade dispõe sobre ele, objetivos que dispõe para si dentro da empresa e experiência no ramo.

Em seus sistemas de gestão os egressos não se baseiam em ideologia, procuram trabalhar o diálogo, troca de idéias, experiências familiares e foi citados também os conhecimentos adquiridos na escola. E alguns gestores colocam no papel os trabalhos e as políticas da empresa, pois acham que é necessário e fica claro para os colaboradores. Para outros este trabalho está nas metas futuras.

Os empreendedores acham importante estabelecer metas definidas e claras para si e para os colaboradores. É importante traçar uma linha de objetivos, por que ninguém vai a lugar nem um se não sabe para onde quer ir.

Já para persuadir os clientes são usados argumentos como cativar os mesmos, valorizar suas idéias, fazê-lo se sentir valorizado, responsável. Produtos de qualidade superior devido a tecnologias utilizadas no processo, produção em grande quantidade de produtos. Também foi citado que normalmente procuramos atender clientes com um porte compatível aos nossos produtos, assim é só fazer um cálculo simples e provar que o investimento inicial para aquisição é rapidamente retornado com o trabalho executado pelo equipamento. Como uma rede de vendas e assistência técnica já consolidada no mercado, não é alguém que vai vender e abandonar o cliente.

E para alguém que esta pensando em iniciar um negócio foi sugerida muita garra, coragem, nunca desista frente às dificuldades que surgirem no decorrer do tempo.

Planejar bem para ver se vale a pena. Não é tão simples quanto parece, antes de tudo é necessário uma boa análise do mercado para ver até onde vale a pena investir. E depois que entrar nessa é preciso muito empenho, trabalho, persistência e principalmente parcerias sérias. Pois todo negócio aonde a dedicação e empenho principalmente por parte do proprietário, daí conseqüentemente os lucros virão.

E quanto as políticas publicas disponíveis para os empreendimentos foi citado que a política de incentivos financeiros é muito ilusionista, parece ser bom porque o incentivo ate sai rápido, mas os juros a logos prazos acabam ficando muito caros.

Hoje há vários incentivos financeiros, mas a maioria das vezes é muito burocrática ou com taxas absurdas. O principal problema dentro do Brasil é a carga tributária que sufoca as empresas legais e favorece a sonegadores de impostos.

Também foi citado que Certas linhas de crédito ofertadas atualmente são interessantes, porem a empresa para obter maiores resultados (lucros) deve buscar sustentabilidade financeira.

Comentando sobre a influência do IFRS – Campus Sertão para a atuação como empreendedor há diferentes opiniões. Sendo foi citado que na área de empreendedorismo o instituto deveria dar mais ênfase. Assim mais alunos poderiam ter o próprio negócio, pois uma grande maioria dos egressos vai atuar no trabalho assalariado. Não tivemos uma disciplina que abordasse esse assunto, para despertar a o imenso campo que ainda pode ser explorado. Alguns professores nos colocavam a em suas aulas as vantagens e as possibilidades de trabalharmos em um empreendimento próprio, e na fala de um entrevistado ele cita a importância do conhecimento:

Foi depois de ter me formado que percebi o quanto é importante e indispensável o estudo, o conhecimento. Fez parecer que abriu meus horizontes, surgiram então as oportunidades que não deixei elas escaparem e por isso hoje me sinto uma pessoa realizada e com um futuro glorioso pela frente [...] (4).

Nos comentários finais foi recomendado a todos que atuam ou pretendem atuar no ramo do empreendedorismo rural que estudem, leiam, mas lerem muito, pois cada vez mais

as empresas vão precisar de pessoas informadas, e a leitura auxilia nisso. Ter conhecimento em informática, bem como a informatização em seus negócios.

Também foi sugerido para que o IFRS- Campus Sertão repense suas grades curriculares e passe a oferecer em seus cursos a disciplina de empreendedorismo, voltado para o meio agropecuário. Também que ofereça cursos de extensão nessa área para que as pessoas que estão atuando possam cada vez mais melhorar e aperfeiçoar seus conhecimentos. Foi sugerida a criação de parcerias com os egressos que já estão atuando como empreendedores.

Segundo Dolabela (1999, p. 259),

Para o empreendedor, o ser é mais importante do que o saber. A empresa é a materialização dos nossos sonhos. É a projeção da nossa imagem interior, do nosso íntimo, do nosso ser em sua forma total. O estudo do comportamento do empreendedor é fonte de novas formas para compreensão do ser humano, em seu processo de criação de riquezas e de realização pessoal. Sob este prisma, o Empreendedorismo é visto também como um campo intensamente relacionado com o processo de entendimento e construção da liberdade humana...

4.2 Considerações Finais

No decorrer de todas as fases da pesquisa, foi possível observar, perceber, chegar a algumas considerações e proposições, as quais estão fundamentadas nas análises das entrevistas semi-estruturadas, aplicadas junto aos egressos, e no embasamento teórico fundamentado diante dos temas propostos no decorrer da dissertação.

Objetivou-se compreender como acontece a inserção do egresso formado no ensino profissional técnico em agropecuária de nível médio, no empreendedorismo rural.

Um país cresce e melhora as condições de vida de seu povo, pelo esforço de uma sociedade em que a segurança, a prosperidade, a justiça e a liberdade de pensar e de agir sejam direitos e possibilidades acessíveis a todos. Agindo de forma independente ou

associado a outros, encontra-se um indivíduo muitas vezes incompreendido nas suas motivações, nos seus métodos de trabalho e na sua contribuição para o desenvolvimento social e econômico deste país.

Com reconhecimento recente na teoria econômica como agente indispensável para a contínua transformação e adaptação de uma economia moderna, o(a) empreendedor(a), passou a receber atenção e interesse crescentes na última década, pelo seu papel de mobilizador das bases de recursos, de inovador tecnológico e, conseqüentemente, de gerador de riqueza e emprego.

Se queremos mais empreendedores, mais trabalhadores autônomos, devemos formar a futura mão-de-obra para tornar-se mais inovadora. Assim, os indivíduos e as organizações terão melhor desempenho.

Temos de construir uma instituição inovadora ousada com um futuro em aberto e capaz de ser um centro irradiador de boas práticas, articulando-se com as redes públicas de educação básica.

A interação da Escola com as Empresas é um fator fundamental para que o ensino aprendizagem prepare o aluno para o exercício pleno da cidadania e que este venha corresponder às exigências do mundo do trabalho, propiciando um verdadeiro intercambio entre elas. A escola deve acompanhar a trajetória profissional do egresso a fim de obter elementos que possam avaliar constantemente a qualidade do ensino ofertado.

É preciso levar o aluno, primeiro, a definir o que quer, os campos que lhe interessam, porque é esse o incentivo para que invistam em seus talentos e suas energias. Nesse sentido, pode se dizer que o modelo de educação tradicional deve adequar-se para formar empreendedores de modo que nunca se condicionem à passividade.

A formação do empreendedor rural não deve ser pensada nos mesmos termos da educação tradicional. Não se trata de introduzir uma gama de cursos novos nos programas já existentes. É mais uma questão de atitude quanto a maneira de ensinar o que já está definido.

A quantidade e a qualidade das informações de que o(a) empreendedor(a) dispõe permanentemente sobre o seu negócio determina a possibilidade de seu empreendimento estar à frente da concorrência e obter sucesso.

É importantíssima, dessa forma, a capacidade do(a) empreendedor(a) de aprender permanentemente mais e mais coisas relacionadas à organização, seus clientes, fornecedores, parceiros, concorrentes e funcionários.

Com essas informações, ele consegue estabelecer metas em bases reais, ou seja, planejar e desenvolver melhor.

É importante também captar as informações existentes no ambiente interno do negócio, conversando rotineiramente com os empregados que estão em contato direto com clientes e fornecedores.

É preciso identificar que informações são importantes, onde e de que forma obtê-las, e como trazer essas informações externas para dentro do empreendimento, de maneira que possam auxiliar o(a) empreendedor(a) na tomada de decisões mais acertadas.

É preciso incentivar a permanência do homem no campo; promover várias discussões sobre alternativas tecnológicas, gerenciais e organizacionais, sob a ótica da gestão empresarial; Estimular a criatividade e a capacidade para a resolução de problemas e o encontro de alternativas econômicas viáveis para o homem do campo; construir uma visão de futuro, detalhada em um plano de desenvolvimento de negócios; Fornecer conhecimentos para o produtor rural planejar e gerir seu próprio negócio, dando um novo enfoque a sua vida pessoal, familiar e profissional.

A globalização, fenômeno derivado do avanço da ciência e das tecnologias modernas, está aumentando a competição nos mercados, inclusive nos da agropecuária e conseqüente redução das margens de lucro. As empresas têm que procurar formas administrativas mais eficientes para continuarem no mercado ou para crescer.

Os egressos inseridos no empreendedorismo rural estão atuando em busca de alternativas tecnológicas, gerenciais e organizacionais. Estão estimulados usando a criatividade em busca de alternativas econômicas viáveis para manter o homem no campo.

O estudo de campo possibilitou perceber que os egressos pesquisados são todos de origem de famílias que vivem na área rural, e algumas destas já atuantes no ramo do empreendedorismo rural.

A atuação no empreendedorismo rural ocorre para dar seqüência aos negócios da família, percebendo oportunidade e buscando independência financeira ou de padrões. O começo para todos foi bastante difícil. Alguns, com problemas financeiros, dificuldades com os aspectos legais ou falta de conhecimento. Os que iniciaram as empresas pensaram e

planejaram bastante antes do início e os que deram seqüência a negócios familiares, foi preciso implementar várias mudanças e um novo planejamento.

A formação de sete empreendedores é segundo, a nível técnico, pois apenas três participantes da pesquisa deram seqüência aos estudos em cursos de nível superior. Alguns freqüentam cursos de capacitação e citam a importância em se manter atualizado.

A principal função desempenhada pelos egressos é administrativa, considerada como centro das atenções, por ser uma parte bastante sensível, sendo muito importante concentrar as atenções para este setor. Também é necessário o envolvimento nas atividades de rotina do dia-dia para acompanhar o que está acontecendo dentro da empresa. Delegando responsabilidade e confiança ao grupo de trabalho, aumenta o rendimento e a qualidade na produção.

É importante ter o máximo de informações do que acontece dentro da empresa e para isso é importante a informatização e também o trabalho de uma secretária, para auxiliar nas tarefas, sobrando mais tempo para as atividades principais.

Quanto a tecnologia e inovação é muito importante e deve estar presente no produto ofertado ao cliente, e também dentro da empresa.

Na rotina de trabalho o compromisso passa a ser muito grande, e os egressos não se preocupam com a jornada de trabalho, mesmo as vezes sendo excessiva e desgastante, bem como preocupação com aposentadoria pois todos são ainda jovens, e o objetivo principal é o sucesso de seu empreendimento.

Na administração das equipes de trabalho, a motivação é muito importante, valorizando as pessoas e ouvindo elas. Os egressos dizem que a maior satisfação é por em prática as próprias idéias e ver que a empresa está evoluindo. Também o crescimento pessoal, pois cada dia se aprende algo novo e diferente que vem agregar para nossa vida.

Em seus sistemas de gestão os empreendedores procuram trabalhar o diálogo, troca de idéias, experiências familiares e os conhecimentos adquiridos na escola. Outros fatores também são importantes como o planejamento, organização, baixa concorrência, um produto inovador e o esforço dos sócios e colaboradores. É importante dar muita atenção no momento de selecionar as pessoas que farão parte do grupo de trabalho.

As metas a serem alcançadas devem ser bem definidas e claras, e para quem vai iniciar seu próprio negócio a sugestão é muita garra e coragem. Planejar e fazer uma análise do mercado de para ver se vale a pena investir. Depois é preciso muito empenho,

persistência e dedicação ao trabalho. Também é importante conhecer as políticas públicas existentes para a área e as linhas de crédito.

O IFRS – Campus Sertão precisa voltar as atenções para a área de empreendedorismo rural, para que mais egressos passem a atuar como empreendedores, pois a política atual do campus objetiva formar profissionais para atuarem como empregados em empresas do ramo agropecuário. E a sugestão é que se repense as grades curriculares, e também que se passe a oferecer cursos voltados para a área de empreendedorismo rural.

Destaca-se, portanto, a importância deste trabalho, tendo em vista a carência de estudos acerca da temática “Empreendedorismo Rural”. Espera-se que este trabalho disponibilize elementos importantes para uma reflexão sobre o tema, munindo o IFRS – Campus Sertão e outras instituições do gênero com ferramentas propícias ao delineamento do seu pensar e do seu agir, aprimorando e redirecionando suas atividades de modo a cumprir com êxito sua função social.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, R. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- ARAÚJO, Paulo F. Cidade de SCHULT, Edward. **Desenvolvimento da Agricultura**, São Paulo: Pioneira, 1975.
- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 3ª Ed. 1980.
- ARNOLD, J. R. Tony. **Administração de materiais: uma introdução** / J. R. Tony Arnold; tradução Celso Rimoli, Lenita R. Esteves. – 1. Ed. – 8. reimpr. – São Paulo; Atlas, 2009.
- BOM ANGELO, Eduardo. **Empreendedor Corporativo: a nova postura de quem faz a diferença**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- BONILLA, José A. **Qualidade total na Agricultura (fundamentos e aplicação)**. 1ª Edição, Ed. FAEPE - Fundação de Amparo ao Ensino, pesquisa e Extensão, Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais, 1994.
- Buamol, W. (1990), **Entrepreneurship: Productive, Unproductive, and Destructive**, Journal of Political Economy, 98(1), 893-921.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Chamada Pública MEC/SETEC Nº 001/2007**. www.mec.gov.br/setec disponível em 23 de novembro de 2009.
- Institutos Federais lei 11.892, de 29/11/2008: **comentários e reflexões / organização**, Caetana Juracy Resende Silva. – Nata: IFRN, 2009. 70 p.:
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio Exterior. **Projeto de Extensionismo Tecnológico**. www.telecentros.mdic.gov.br disponível em 04 de dezembro de 2009.
- CAMPANHOLA, Clayton e GRAZIANO DA SILVA, José (2000) – **O novo rural brasileiro** – EMBRAPA/EDUNICAMP – Campinas/Brasília.
- CAMPOS, V.F. **TQC - Controle da Qualidade Total (no Estilo Japonês)**. Belo Horizonte: Fundação Christiano Ottoni, 4ªed., 1994.

- CARNEIRO, Roberto. **Novo Conhecimento, Nova Aprendizagem e Criação de Valor (O fio de Ariana)**. Jan. 2006. Disponível em <http://elearningeuropa.inf>. Acesso em 10 Out. 2009.
- CARNOY, M & LEVIN, H.M. **Escola e trabalho no estado capitalista**. SP: Cortez: Autores Associados, 1987.
- CARVALHO, Maria A. **Contribuição da Agricultura Para o Ajuste Externo**. Informações Economias. SP, v.33, n.10. out. 2003 – www.ie.sp.gov.br/publicações.
- CARVALHO, O. **Educação e Formação Profissional – trabalho e tempo livre**. Brasília: Plano Editora, 2003.
- CARVALHO, O. F. **Tendências da Educação Profissional no mundo globalizado**. Brasília, INEP/colecção Educação Superior, col. 8, 2008.
- CELLA, D. **Caracterização dos fatores relacionados ao sucesso de um empreendedor rural**. São Paulo. 2002.
- CELLA, D.; PERES, F.C. **Caracterização dos fatores relacionados ao sucesso do empreendedor rural**. Revista de Administração da Universidade de São Paulo, v.37, n.4, p.49-57, out./dez. 2002.
- CHÉR, R. **Empreendedorismo na Veia: Um aprendizado constante**. Rio de Janeiro: Elsevier: SEBRAE, 2008.
- CHIAVENATO, IDALBERTO. **Os novos paradigmas. Como as mudanças estão mexendo com as empresas**. 5 ed. Ver. E atual. São Paulo: Manole, 2008.
- 1996.
- CRESWELL, J. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.
- CUNHA, Luiz Antônio. **Ensino Médio e Ensino Técnico na América Latina: Brasil, Argentina e Chile**. Brasília. 2000.
- CUNHA, R.A.N. **A Universidade na Formação de Empreendedores: a percepção dos alunos de graduação**. Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, Curitiba, PR, 2004.
- DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura, 1999.
- _____ **O segredo de Luíza**. São Paulo: Cultura, 1999.
- DRUCKER, Peter. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1999.
- DRUCKER, P. **O melhor de Peter Drucker: o indivíduo**. São Paulo: Nobel, 2002.

- DRUCKER, P. **O melhor de Peter Drucker: a administração.** São Paulo: Nobel, 2002.
- FILION, L. J. (1987), **Entrepreneurship: bibliographie choisie et une revue de la documentation essentielle sur le sujet.** Research paper no 87-03, Groupe de recherche en Économie et gestion des petites et moyennes organisations et de leur environnement (GREPME). Université du Québec à Trois-Rivières (UQTR).
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **A Política de Educação Profissional no Governo Lula: Um Percorso Histórico Controvertido.** Outubro/ 2005. p.1087-1107.
- GRAMSCI, A. **A Concepção Dialética da História. RJ: Civilização Brasileira S.A.,1984.**
- GRAMSCI, A. **Intelectuais e a Organização da Cultura.** São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.
- GRAMSCI, A **Os intelectuais e a organização da cultura.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 8ª edição. Rio de Janeiro-RJ: Civilização Brasileira, 1991.
- HOFFMANN Rodolfo et ali. **Administração da Empresa Agrícola,** Livraria e Editora Pioneira, São Paulo, SP, 1987.
- HOFFNAGEL, Judith Chambliss. “**Entrevista, Uma Conversa Controlada**”. In DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucena, 2002.
- IBQP – Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade. **Empreendedorismo no Brasil: 2003.** Curitiba: IBQP, 2004.
- _____ . Empreendedorismo no Brasil: 2004. Curitiba: IBQP, 2005.
- _____ . Empreendedorismo no Brasil: 2005. Curitiba: IBQP, 2006.
- _____ . Empreendedorismo no Brasil: 2006. Curitiba: IBQP, 2007.
- _____ . Empreendedorismo no Brasil: 2007. Curitiba: IBQP, 2008.
- _____ . Empreendedorismo no Brasil: 2008. Curitiba: IBQP, 2009.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo, Atlas, 1991.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ; Marli E. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
- MACHADO, Joana P. **Empreendedorismo no Brasil.** et al. Curitiba: IBQP, 2009.
- NEVES, L.M.V. **Educação e política no Brasil de hoje.** São Paulo: Cortez, 1994.

- OLIVEIRA, Ariovaldo U. De. **A Geografia das Lutas no campo**, 2ª Edição, Ed. Pinsky Ltda (contexto) - São Paulo, 1989.
- PATRÃO, Carla; FERES, Marcelo. **Diretoria de Formulação de Políticas de Educação Profissional e Tecnológica**. MEC. 2009.
- PEREIRA, M. N. (Coord). **A incorporação de pequenos e médios produtores no processo de integração**, Porto Alegre, EMATER/RS, 1992.
- RAMOS, Marise Nogueira. **A Educação Profissional pela Pedagogia das Competências e a Superfície dos Documentos Oficiais**. Setembro/2002. p.400-420
- RIBEIRO, Maria Luísa. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**. 3ª ed. São Paulo: Moraes. 1981.
- ROQUE, Andréia Maria e VIVAN, Antonio Marcos. **Turismo no Espaço Rural: Uma Estratégia Para a Nova Gestão Brasileira**. Revista de Administração da UFLA. V.1- N. 1 – Jan. /Jun. 1999, p. 5 – 13.
- ROMANELLI, G. **Famílias de classes populares: socialização e identidade masculina**. *Cadernos de Pesquisa NEP*. 1-2, 25-34. 1997.
- SANTOS, Milton. **Modo de produção técnico científico e diferenciação espacial**. Revista Território. Vol. 4 (6), 5-20. janeiro-junho. 1999.
- SAVIANI, Demerval. **Trabalho e Educação: Fundamentos Ontológicos e Históricos**. Outubro/2006. Caxambu. P.1-21ª.
- SCHNEIDER, S. **Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo: v.18, n.51, 2003. P.99 – 121.
- SCHUMPTER, Joseph Alois. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- SEBRAE-SP **Sobrevivência e Mortalidade das Empresas Paulistas de 1 a 5 Anos**, disponível em www.sebraesp.com.br/pesquisa/index.asp, maio de 2002.
- SILVA, J. Graziano da. O novo rural brasileiro. **Revista Nova Economia**: Belo Horizonte; v.7, nº 1, 1997. p. 43-81.
- SILVA, P. L. Barros, MELO M. A. Barreto, **O processo de Implementação de Políticas Públicas no Brasil: características e determinantes da avaliação de programas e projetos**. São Paulo. Caderno 48, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP, 2000.

- SOUZA, R. **A administração da fazenda**. São Paulo: Globo, 1992.
- SOUZA, José dos Santos. **Trabalho, Educação e Sindicalismo no Brasil/anos 90**. Campinas, São Paulo: Autores Associados. 2002.
- SPOSITO, Elizeu Savério. **Geografia e Filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004.
- THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- TREVISAN, L. **Educação e Trabalho: as receitas inglesas na era da instabilidade**. São Paulo: SENAC, 2001
- VEIGA, José Eli da. **O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento**. *Estud. av.* [online]. 2001, vol.15, n.43, pp. 101-119.
- VEIGA, José E. **Cidades Imaginárias, O Brasil é menos urbano do que se calcula**, Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2002.
- VEIGA, José E. **Do Crescimento Agrícola ao Desenvolvimento Rural**, Rio de Janeiro - 2002.
- VEIGA, José E. **Variações espaciais de empreendedorismo no Brasil rural**. Rio de Janeiro – 2002.
- ZUIN, Luís Fernando Soares & QUEIROZ, Timóteo Ramos (org). **Agronegócio: gestão e inovação**. São Paulo. Saraiva, 2006.

6 ANEXOS

6.1 Anexo 1

Roteiro de Entrevista

Roteiro utilizado, com adaptações conforme o candidato entrevistado, baseado em Dolabela.

E Dolabela (1999) sugere um roteiro de entrevista:

Origem

1. Fale um pouco sobre as suas origens, sua família, pais, tios, primos.
 - Existe algum empresário em sua família?
 - Tem alguém como modelo?
 - O que seus pais fazem?
 - Você poderia falar um pouco sobre sua formação?
 - Foi bom aluno? Gostava de estudar? Como você aprende mais?

Conceito de Si

2. Como você se vê como pessoa?
 - Quais na sua opinião são as suas características pessoais mais importantes para a sua empresa?

Visão

3. Como surgiu a idéia de ser empreendedor?
4. Como é que sua empresa começou?
 - Você pensou sobre isso por muito tempo antes de realmente começar o negócio? Já havia considerado a possibilidade de abrir um negócio como uma opção de vida?
 - Conte-nos sobre seus primeiros tempos.

O trabalho como empreendedor

5. Como você identifica oportunidade?
6. Como você aprende hoje? Tem um método próprio?
7. Tem um sistema para a solução de problemas?
8. Como lida com o fracasso?
9. Qual é o seu trabalho na empresa?
 - Quais são as áreas onde você gosta de se concentrar?
 - Você se envolve com a rotina, com as operações do dia-dia? Você tem quantas pessoas que se reportam a você? Você delega?
 - Você tem parceiros no negócio?
 - Você é membro de grupos/conselhos de outras companhias?
 - Você tem uma secretária?
10. Como é que você obtém informação sobre o que esta acontecendo na empresa, e como é que você controla as coisas?
11. Qual o percentual de solução representado pela tecnologia do produto? Ou seja, a tecnologia do produto representa qual percentagem do sucesso da sua empresa?

Energia

12. Quantas horas você trabalha por dia? Sábados, domingo?
 - Você tira férias?
 - Você pensa em se aposentar?

Relações

13. Qual a importância que você dá às relações internas e externas na empresa.
 - E para você qual a importância das relações externas? Quais contatos são mais importantes: fornecedores, clientes, pessoas de influencia?

Liderança

14. Como você faz com que as pessoas realizem o seu sonho?

15. Como você descreveria a si próprio como líder da sua companhia?
- Você poderia explicar como sua equipe se desenvolveu?
 - Quais métodos você desenvolveu para encorajar as pessoas a serem mais criativas?
 - O que você diria que é diferente na maneira como você comanda seus negócios?
 - Para onde você direciona seus esforços ao comandar a empresa?
 - Você vê as coisas de forma diferente, mudou seu estilo de gerenciamento, desde que fundou sua empresa?
 - O que lhe dá mais satisfação ao comandar uma empresa?
 - O que você pensa sobre o poder como instrumento de comando?

Criatividade e Imaginação

16. O que você acha do erro? Como trata os colaboradores que erram? A sua empresa erra muito?
17. O que é que lhe dá mais prazer no processo de empreender? O que é que o torna criativo?
18. O quanto você diria que a imaginação é importante para o sucesso?
19. O que é intuição para você? Qual a importância da intuição no seu negócio?
20. Como você lida com a incerteza, ambigüidade?

A empresa

21. Qual o fator mais importante para o sucesso da sua empresa?
22. Quais são as principais potencialidades e fraquezas de sua empresa?
23. Você utiliza consultores e outros profissionais, como advogados?
24. Quais critérios você utiliza na seleção de pessoal?
25. Fale de seu sistema de gestão. Ele é baseado em alguma ideologia?
26. Você tem descrição escrita dos trabalhos e políticas da empresa?
27. Você estabelece metas?
28. Qual é a posição de mercado dos seus produtos/serviços?
29. Quais argumentos você utiliza para persuadir os clientes a comprar os seus produtos?

Encerramento

30. Comente sobre a influencia do IFRS – Campus Sertão para sua atuação como empreendedor.
31. Comente sobre as políticas publicas disponíveis para seus empreendimentos.
32. O que você diria a alguém que esta pensando em iniciar um negócio.
33. Há algo mais que você gostaria de dizer, que nós não abordamos.

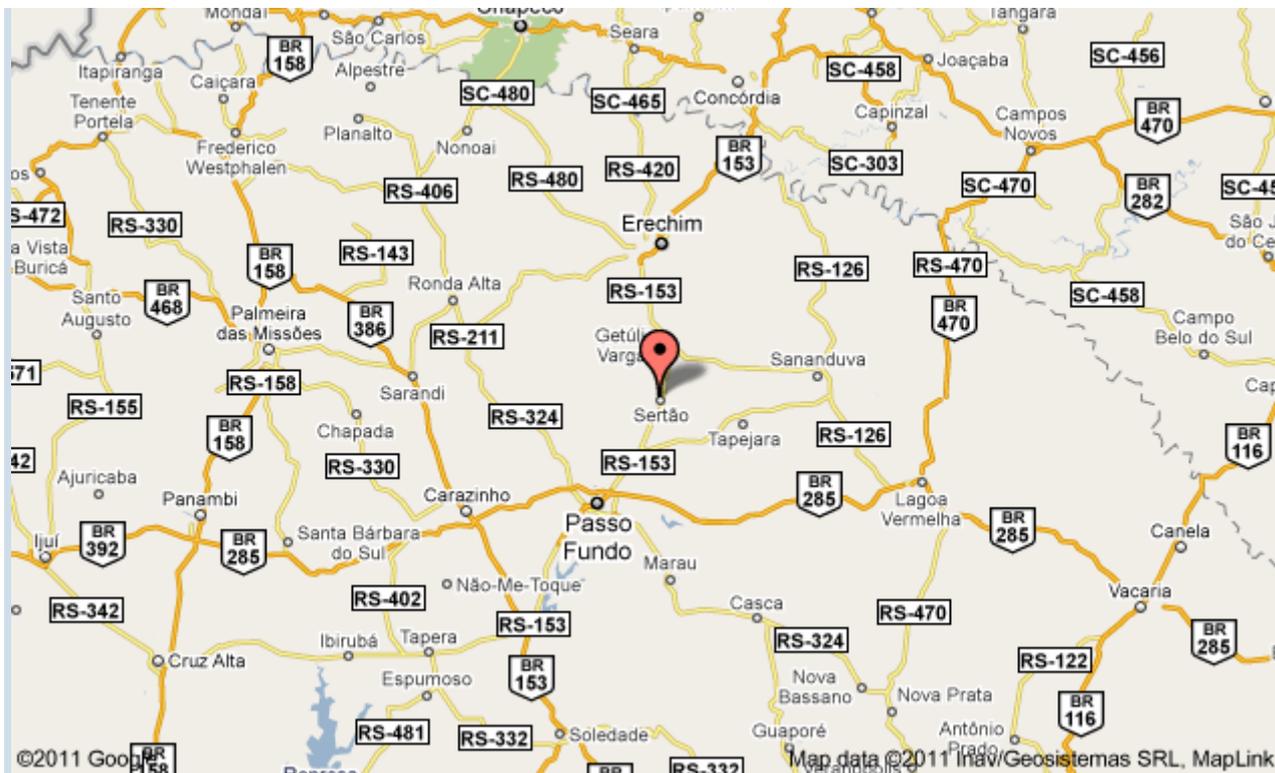
6.2 Anexo 2

Localização do IFRS – Campus Sertão

O Campus Sertão esta localizado na região norte do Rio Grande do Sul, no distrito de Engenheiro Luiz Englert, interior do município de Sertão, entre as cidades de Erechim e Passo Fundo, ficando distante a 300 km da capital Porto Alegre.

Sertão - RS

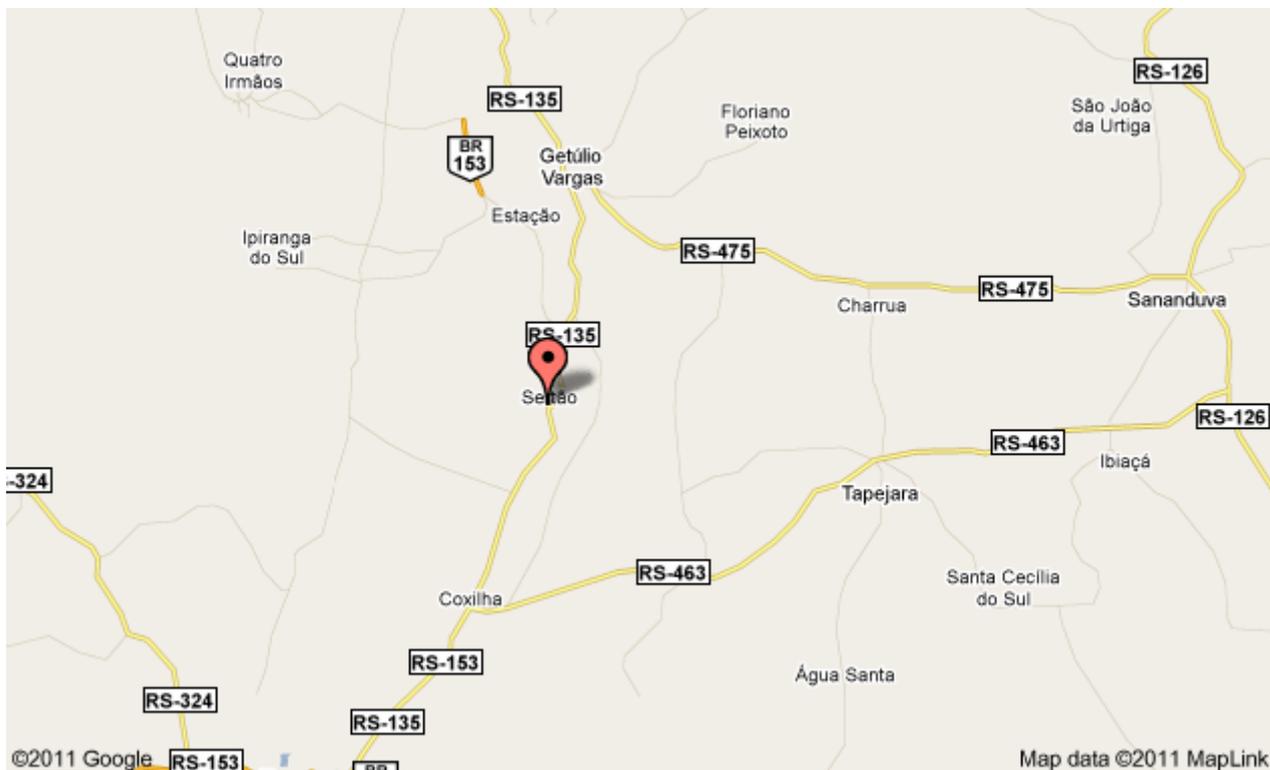
Localização do Município de Sertão



Fonte: Google Maps

Sertão - RS – Micro Região

Micro Região de Sertão



Fonte: Google Maps

A economia predominante na micro-região do Campus Sertão é a agropecuária, sendo as principais atividades as culturas de soja, milho, trigo, gado de leite, suíno e aves. Também são exploradas outras atividades como: Horticultura, fruticultura, piscicultura, apicultura e outras. A maioria das propriedades na micro-região são consideradas pequenas, em torno de cinquenta hectares. Em menor quantidade encontramos médias propriedades e poucas são consideradas como grandes.

Existe também um grande número de empresas de transformação de produtos agropecuários como: frigoríficos, fabricas de rações, agroindústrias, etc.

O Município de Sertão

O município de SERTÃO foi criado pela Lei nº 4.597, de 05 de novembro de 1963, sendo até essa data, distrito de Passo Fundo. Por ocasião da emancipação a população era de aproximadamente 16.000 habitantes, possuindo uma área de 540 km². Hoje com a emancipação do distrito de Coxilha, SERTÃO perdeu 18% de sua área, passando a ter 444 km². Sua população total segundo censo IBGE 2010 é 6.283 habitantes, sendo 3.383 moradores na área urbana e 2.900 residentes na área rural.

SERTÃO está localizado na região morfológica do Planalto Médio, na micro região colonial de Erechim(RS), sendo sua população composta principalmente por descendentes de italianos, alemães e caboclos. Faz limites com os municípios de Tapejara, Quatro Irmãos, Getúlio Vargas, Charrua, Vila Lângaro, Coxilha, Pontão, Estação e Ipiranga do Sul.

COORDENADAS GEOGRÁFICAS:

Latitude: 27°59'04"

Longitude: 52° 15'01"

Altitude: 731m

Dados Agropecuários do Município de Sertão

Número de estabelecimentos agropecuários e suas áreas

ÁREA EM HECTÁRES	Nº DE ESTABELECIMENTOS
00 - 1,0	29
1,0 - 10,0	244
10,0 - 50,0	564
50,0 - 200,0	133
200,0 - 500,0	19
500,0 - 1000,0	4
1000,0 - 2500,0	4
Produtor arrendatário	4

Fonte: Emater RS – Sertão (2010)

Obs: São 1001 Estabelecimentos com uma área total de 38.457 hectares.

Ocupação por atividade agropecuária

ATIVIDADE	Nº DE ESTABELECIMENTOS	PRODUÇÃO
Lavouras permanentes	46	185 há
Lavouras temporárias	935	35.000 há
Pastagens naturais	450	1.744 há
Matas e florestas	740	5.694 há
Bovinos	605	9.574 cabeças
Caprinos	5	76 cabeças
Ovinos	47	719 cabeças
Suínos	300	8.000 cabeças
Aves	614	322.915 cabeças
Produção de leite	510	55.000 lt/dia
Lã de ovino	22	1.000 kg
Ovos de galinha	551	956.000 dúzias
Tratores agrícolas	399	560 tratores
Total de pessoas ocupadas	1001	2659 pessoas

Fonte: Emater RS – Sertão (2010)

Culturas temporárias e área por safra

CULTURA	ÁREA HECTÁRES
Amendoim	5
Batata inglesa	5
Cebola	10
Feijão	95
Fumo	15
Milho	5.000
Soja	20.000
Tomate	5
Alho	2

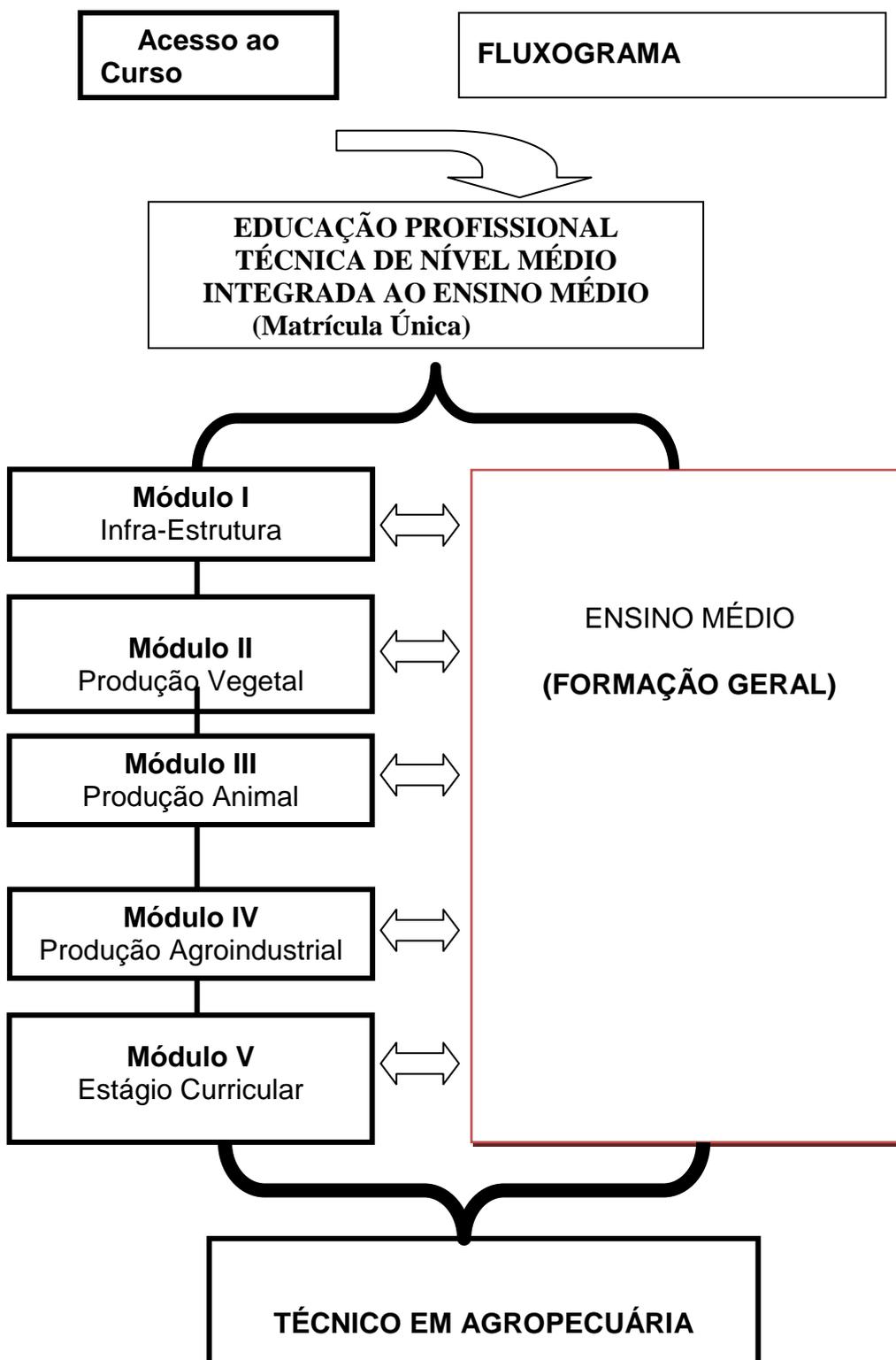
Aveia	800
Cevada	200
Canola	50
Trigo	3.300
Cana-de-açúcar	200
Mandioca	80
Laranja	14
Uva	18
Batata doce	10
Melancia	3
Pêssego	13
Melão	2
Ervilha	2
Limão	2
Erva-mate	70
Tangerina	5
Figo	5
Caqui	3
Pêra	3
Abacate	1
Nogueira Pecãn	2

Fonte: Emater RS – Sertão (2010)

6.3 Anexo 3

Fluxograma do Curso Técnico em Agropecuária

Fluxograma do Curso



Organização Curricular do Curso

Quadro de Disciplinas - Área Técnica

Modalidade: Ensino Profissional Técnico de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio

Área Profissional: Agropecuária

Habilitação: Técnico em Agropecuária

Quadro de Disciplinas – Área Técnica

		1 ^a	2 ^a	3 ^a	Total	
Módulo I	INFORMÁTICA	80	-	-	80	
	MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA	-	120	-	120	
	GESTÃO RURAL I	40	-	-	40	
	GESTÃO RURAL II	-	80	-	80	
	Infra-estrutura	PLANEJAMENTO E PROJETOS	40	-	-	40
		CONSTRUÇÕES RURAIS	-	-	80	80
		IRRIGAÇÃO	-	-	80	80
		TOPOGRAFIA	-	80	-	80
		EXTENSÃO RURAL	-	-	40	40
		ASSOCIATIVISMO	40	-	-	40
Total de horas por série		200	280	200	-	
Carga Horária Total do Módulo					680 horas	
		1 ^a	2 ^a	3 ^a	Total	
Módulo II	Produção Vegetal	MANEJO DE SOLOS E ÁGUA	80	-	-	80
		DEFESA SANITÁRIA VEGETAL (DSV)	-	40	-	40
		CLIMATOLOGIA AGRÍCOLA	40	-	-	40
		CULTIVO <i>IN VITRO</i> DE PLANTAS	-	40	-	40
		PROPAGAÇÃO DE PLANTAS	40	-	-	40
		OLERICULTURA	-	160	-	160
		MEIO AMBIENTE	40	-	-	40

	PAISAGISMO	40	-	-	40
	CULTURAS ANUAIS	-	-	120	120
	FRUTICULTURA	-	-	80	80
	SILVICULTURA	-	-	40	40
	Total de horas por série	240	240	240	-
Carga Horária Total do Módulo					720 horas
		1^a	2^a	3^a	Total
Módulo III Produção Animal	DEFESA SANITÁRIA ANIMAL (DSA)	40	-	-	40
	BIOCLIMATOLOGIA	40	-	-	40
	NUTRIÇÃO ANIMAL	40	-	-	40
	AVICULTURA	-	80	-	80
	PISCICULTURA	40	-	-	40
	APICULTURA	40	-	-	40
	SUINOCULTURA	-	-	80	80
	OVINOCULTURA	-	-	40	40
	BOVINOCULTURA DE CORTE	-	-	80	80
	BOVINOCULTURA DE LEITE	-	-	80	80
	Total de horas por série	200	80	280	-
Carga Horária Total do Módulo					560 horas
		1^a	2^a	3^a	Total
Módulo IV Produção Agroindustrial	PRODUÇÃO AGROINDUSTRIAL	-	120	-	120
	Total de horas por série	-	120	-	120
Carga Horária Total do Módulo					120 horas
		1^a	2^a	3^a	Total
Módulo VI Estágio	ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	-	-	-	360
Carga Horária Total do Módulo					360 horas
		1^a	2^a	3^a	Total
Atividades Práticas	PRÁTICAS AGROPECUÁRIAS ORIENTADAS	160	80	80	320
	Total de horas por série	160	80	80	320
Carga Horária Total de Práticas					320 horas
CARGA HORÁRIA TOTAL – ÁREA TÉCNICA					2.760 HORAS

Total: 2400 h/a + 360 h de estágio = 2.760 horas

Quadro de Disciplinas – Ensino Médio

Modalidade: Ensino Profissional Técnico de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio

Área Profissional: Agropecuária

Habilitação: Técnico em Agropecuária

Quadro de Disciplinas – Ensino Médio

		Carga Horária
1ª SÉRIE	LÍNGUA PORTUGUESA	160
	EDUCAÇÃO FÍSICA	80
	MATEMÁTICA	120
	QUÍMICA	80
	FÍSICA	80
	BIOLOGIA	80
	GEOGRAFIA	80
	ARTES	40
	FILOSOFIA	20
	SOCIOLOGIA	20
	HISTÓRIA	40
	Carga Horária Total da Série	800
		Carga Horária
2ª SÉRIE	LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA	160
	EDUCAÇÃO FÍSICA	80
	MATEMÁTICA	120
	QUÍMICA	80
	FÍSICA	80
	BIOLOGIA	80
	INFORMÁTICA	40
	INGLÊS	80
	SOCIOLOGIA	20
	FILOSOFIA	20
	GEOGRAFIA	40
	Carga Horária Total da Série	800
		Carga Horária
3ª SÉRIE	LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA	160
	EDUCAÇÃO FÍSICA	80
	MATEMÁTICA	120
	QUÍMICA	80
	FÍSICA	80
	BIOLOGIA	80
	INGLÊS	40
	ESPAÑHOL	40
	HISTÓRIA	80

	FILOSOFIA	20
	SOCIOLOGIA	20
	Carga Horária Total da Série	800
	Carga Horária Semanal	20
	Carga Horária Semestral	400
	CARGA HORÁRIA TOTAL – ENSINO MÉDIO	2.400

Módulos e Disciplinas

Módulo I: Infra - Estrutura.

Módulos e Disciplinas

Disciplina	Carga Horária	Conteúdos Programáticos
Informática	80	<ul style="list-style-type: none"> • Noções básicas do sistema operacional Windows; • Noções básicas do Editor de Texto Word; • Noções básicas de Power Point; • Básico de navegação na Internet e e-mail.
Mecanização Agrícola	120	<ul style="list-style-type: none"> • Normas de segurança e condições de trabalho; • Conceitos; • Sistemas de funcionamento; • Manutenção: motor 2 T e 4T; • Sistema de equivalência métrica; • Custo; • Operação; • Tipos de máquinas e implementos; • Seleção; • Acoplamento e regulagem; • Rendimento.
Gestão Rural I	40	<ul style="list-style-type: none"> • Administração Rural; • Tipos de empresa; • Ambiente geral e operacional; • Tomada de decisão; • Planejamento, organização, direção e controle; • Funções administrativas: de produção, comercial, financeira e de recursos humanos; • Contabilidade rural; • Legislação tributária e agrícola; • Noções de gestão empresarial; • Relações humanas no trabalho; • Fundamentos de segurança no trabalho.
Gestão Rural II	80	<ul style="list-style-type: none"> • Critérios técnico-econômicos para definição das atividades agropecuárias, e prestação de serviços; • Recursos naturais disponíveis; • Alternativas de produção; • Tradição da propriedade; • Políticas governamentais para a região e setor; • Mercado; • Infra-estrutura: estradas, transporte, armazéns; • Riscos; • Política de crédito agrícola; • Custos de Produção: insumos; recursos Humanos; gastos gerais; custos indiretos; depreciação; amortização;

		<ul style="list-style-type: none"> despesa. • Receita; • Análise de resultados; • Legislação trabalhista; • Comercialização: estrutura; mercado; índice de preços; comportamento e política governamental; intermediação. • CONCEX (Conselho Nacional de Comércio Exterior). • Qualidade e apresentação dos produtos a serem comercializados; • Embalagens; • Análise do mercado consumidor; • Canais de distribuição; • Preços, produtos, praça, promoção e propaganda. • Fatores de produção; • Sistemas de controle: convencionais; informatizados; • Sistemas de avaliação da produção; • Fluxograma; • Instrumentos de controle.
Planejamento e Projetos	40	<ul style="list-style-type: none"> • Métodos e técnicas de pesquisa; • Avaliação de dados de recursos naturais; • Política agrícola; • Fatores sócio-culturais e econômicos da região; • Planejamento das atividades Agropecuárias. • Noções de planejamento e projeto • Cronograma de produção; • Projetos agropecuários de Produção; • Projetos complementares; • Mercado; • Avaliação de custos/benefícios • Coeficientes: rentabilidade, rotação de capital, relação produto/capital, produtividade da mão-de-obra.
Construções Rurais	80	<ul style="list-style-type: none"> • Propriedade rural; • Construções rurais; • Telhados e madeiramento • Ponto e traços; • Concreto e argamassas; • Outros materiais de construção; • Tipos de cercas; • Tipos de silos; • Esterqueiras; • Armazéns; • Instalações diversas; • Orçamentos; • Escala e plantas.
Irrigação	80	<ul style="list-style-type: none"> • Irrigação: Conceitos, importância, relação Água/Solo/Planta; fontes de suprimento de água; • Captação, elevação e aproveitamento de água; • Hidrometria; • Sistemas de irrigação; • Avaliação dos sistemas; • Dimensionamento de sistemas; • Manejo e manutenção dos equipamentos; • Drenagem: conceito; importância; tipos de drenos; • Dimensionamento de Drenos.
Topografia	80	<ul style="list-style-type: none"> • Agrimensura: Conceito; Divisão. • Geodésia • Topografia: Instrumentos e Acessórios; Nível Ótico; Teodolito; Estação Total Eletrônica; GPS; Diastímetros, Balisas, Mira Falante. • Escala: Conceito; Tipos; Escalfmetro

		<ul style="list-style-type: none"> • Nivelamento: Conceito; Divisão; Nivelamento Geométrico; • Levantamentos altimétricos, planimétricos e planialtimétricos. • Processos de Cálculos de Área: Trigonométrico; Mecânico; Analítico. • Desenho. • Perfil. • Mapa.
Extensão Rural	40	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento Rural Brasileiro: <ul style="list-style-type: none"> - Urbanização e industrialização no séc. XX; - Revolução Verde – modernização da agricultura e questão agrária; - O papel das políticas públicas: pesquisa, extensão e crédito no desenvolvimento rural. • Metodologia em Extensão Rural: <ul style="list-style-type: none"> - O método e sua importância; - Métodos de comunicação e métodos de extensão rural; - Métodos em Extensão Rural: classificação, características, uso e limitações. • Planejamento e Extensão Rural: <ul style="list-style-type: none"> - Importância e princípios básicos do planejamento; - Planejamento participativo. • Extensão Rural Avançada: <ul style="list-style-type: none"> - A intervenção rural; - O diagnóstico rural; - Práticas de extensão rural.
Associativismo	40	<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura e funcionamento das organizações do meio rural: cooperativas, sindicatos, associações. • A Cooperação/ O Associativismo • Formas de Associativas • Sindicatos Rurais (trabalhadores, empregados). • Condomínio Rural • Cooperativas <ul style="list-style-type: none"> - Função e Objetivos - ramos Cooperativos • Órgãos Sociais (assembleia geral, conselho administrativo, conselho fiscal) • Estatuto Social • Ato Cooperativo • Legislação Cooperativa • Projeto de implantação de Cooperativa, documentação e Assembleia geral de constituição.

Fonte: Coordenação Geral de Ensino IFRS- Campus Sertão